



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE UnB PLANALTINA – FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEdoC

ADÃO FERNANDES DA CUNHA

**SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL NA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE
ALMAS: UMA PESQUISA NA PERSPECTIVA ECOLINGUÍSTICA**

PLANALTINA– DF

2015

ADÃO FERNANDES DA CUNHA

**SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL NA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE
ALMAS: UMA PESQUISA NA PERSPECTIVA ECOLINGUÍSTICA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília - UnB, como requisito parcial para obtenção ao título de licenciado em Educação do Campo com habilitação na área de Ciências da Natureza e Matemática.

Orientadoras: Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa
Profa. Ma. Ana Cristina de Araujo

PLANALTINA – DF

2015

ADÃO FERNANDES DA CUNHA

**SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL NA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE
ALMAS: UMA PESQUISA NA PERSPECTIVA ECOLINGUÍSTICA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília - UnB, como requisito parcial para obtenção ao título de licenciado em Educação do Campo, com habilitação na área de Ciências da Natureza e Matemática, defendida e aprovada em 14 de dezembro de 2015.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa (UnB/FUP) – Orientadora

Profa. Esp. Ana Cristina de Araujo (UnB/FUP)) - Orientadora

Prof. Dr. Gilberto Paulino (UFT)- Examinador

Profa. Ma. Roberta Rocha Ribeiro (UFMS/UNB) - Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por tudo que Ele tem feito na minha vida e na vida de cada um de nós;

À minha família pelo carinho e a força que tem me dado nessa luta a todo o momento da minha vida, em especial minha mãe, Percília dos Santos Rosa, ao meu pai, Josecílio da Cunha Fernandes, e a todos os meus irmãos;

Aos professores da LEdoC;

Aos colegas que fizeram parte dessa minha luta, dessa luta nossa durante estes quatro anos de árdua labuta;

Ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID Diversidade);

Sou grato pela força e o acompanhamento que tive na comunidade pela professora Roberta e o professor Gilberto;

Um agradecimento maior e mais especial vai para minha grande orientadora Rosineide Magalhães;

Quero agradecer ainda as pessoas colaboradoras desta pesquisa;

Quero dizer no final de tudo, que valeu a pena e que nossa luta começa a cada vez que uma batalha termina, e como diz Guimarães Rosa “a educação começa com a vida e não termina se não com a morte.” Meus singelos, puros e mais sinceros agradecimentos a todos.

Educar é mostrar a vida quem ainda não a viu.

Fácil é caminhar para baixo do Averno. A porta do negro Dis* permanece aberta noite e dia. Mas remontar os passos até o ar celeste, aí há dificuldade, e árdua labuta.

Wilson (2012)

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de investigar e analisar a preservação das árvores que servem para construção das casas kalungas da comunidade Vão de Almas, do município de Cavalcante-Go. É uma pesquisa fundamentada na Ecolinguística e na Etnobotânica, conforme postulados dos estudiosos Couto (2007), Wilson (2012), Araújo (2014) e Gil (2010); e na Educação do Campo, embasado em Caldart et al (2012). Este trabalho discute a relação contínua da comunidade e seus falantes, do conhecimento etnobotânico kalunga e da integração da diversidade cultural como um todo. Esta é uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, conforme Gil (2010) e Bortoni-Ricardo (2008), realizada no decorrer do ano de 2015, no contexto a Comunidade Vão de Almas. A partir da metodologia utilizada, este estudo contou com a colaboração de oito pessoas dessa comunidade, sendo duas mulheres, dois alunos, um do 7º ano e outro do 9º ano e os outros quatro colaboradores são também da comunidade e com perfis diferenciados. Espera-se que os conhecimentos aqui apresentados contribuam no âmbito de mostrar a magnitude e importante riqueza do saber sobre as árvores de construção de casas no território kalunga tanto dos jovens quanto de mulheres e, principalmente, dos homens que lidam com essa cultura constantemente. Espera-se, ainda, que esse conhecimento gire em torno e dentro dos processos educativos escolares da comunidade, já que é parte cultural do país como um todo. Todavia essa cultura para essa comunidade representa a história do Brasil em sua ancestralidade e hoje é como sendo sua identidade enquanto territorialidade.

Palavras-chave: Sustentabilidade. Ecolinguística. Etnobotânica. Educação do Campo.

ABSTRACT

This study aims to investigate and analyze the preservation of trees that serve to build the houses of Kalunga Go Souls community, the municipality of Cavalcante-Go. It is a research based on Ecolinguistics and Etnobotônica as postulates of scholars Couto (2007), Wilson (2012), Araújo (2014) and Gil (2010); and Rural Education, based in Caldart et al (2012). This article discusses the community's ongoing relationship and its speakers, knowledge etnobotônico kalunga and integration of cultural diversity as a whole. This is a qualitative research, ethnographic, as Gil (2010) and Bortoni-Ricardo (2008) held during the year 2015 in the context of the Community Go Souls. From the methodology used, this study had the collaboration of eight people in this community, two women, two students, a 7 year and another 9 years and the other four employees are also community and with different profiles. It is hoped that the knowledge presented here contribute within to show the magnitude and important wealth of knowledge on the house-building trees in kalunga territory of both the young and women and especially men who deal with this constantly growing. It is expected also that this knowledge turn around and within school educational processes of the community, since it is the cultural part of the country as a whole. However this culture to this community is the history of Brazil in their ancestry and is now as their identity as territoriality.

Keywords: Sustainability. Ecolinguistics. Etnobotônica. Rural Education.

LISTA DE FOTOS

Foto 1: Moradia do aluno Pesquisador.....	17
Foto 2: Sucupira Branca.....	19
Foto 3: Pequi.....	19
Foto 4: Aroeira.....	19
Foto 5: Pereira da Mata.....	19
Foto 6: Jatobá da Mata.....	20
Foto 7: Construção da Casa Kalunga.....	23
Foto 8: Construção da Casa Kalunga.....	23
Foto 9: Construção da casa Kalunga.....	24
Foto 10: Construção da casa Kalunga.....	24
Foto 11: Peças extraídas da Sucupira.....	42
Foto 12: Casa em Construção.....	42
Foto 13: Interior da casa pronta.....	43
Foto 14: Interior da Casa Pronta.....	43
Foto 15: Focos de queimada na comunidade Vão de Almas.....	44
Foto 16: Aroeira.....	44
Foto 17: Jatobá do campo.....	48
Foto 18: Carne da Vaca.....	48
Foto 19: Aroeira.....	48
Foto 20: Jatobá da Mata.....	48
Foto 21: Peroba.....	49
Foto 22: Pereira do Campo.....	49
Foto 23: Gonçalves.....	50
Foto 24: Cagaita e Pereira da Mata.....	50
Foto 25: Mulato ou Garapa.....	51

LISTA DE ABREVIATURAS

CEBEP	Conflitos Estruturais Brasileiros e Educação Popular
DF	Distrito Federal
FUP	Faculdade UnB Planaltina
GO	Goiás
GO's	Grupos de organicidade
IOC	Inserção Orientada na Comunidade
IOE	Inserção Orientada na Escola
LEdoC	Licenciatura em Educação do Campo
MEC	Ministério da Educação
PIBID Diversidade	Programa Institucional De Bolsa De Iniciação à Docência
EPOTECAMPO	Educação Povo Terra e Campo
SECADI	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
ST	Setores de Trabalhos
TE	Tempo Escola
TC	Tempo Comunidade
TU	Tempo Universidade
UnB	Universidade de Brasília

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO

Letra maiúscula = ênfase

... = pausa maior

.. = pausa menor

/?/ = fala não entendida

[...] = discurso suprimido

Palavras em itálico: interação do entrevistador com o entrevistado.

Os colaboradores desta pesquisa serão identificados pelas iniciais de seus nomes para que suas identidades sejam preservadas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
-------------------------	----

CAPÍTULO I

1.0 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	15
1.1 Pesquisa qualitativa.....	15
1.2 A entrevista	16
1.3 Contexto de pesquisa	17
1.3.1 Vão de Almas.....	17
1.3.2 O Povo Kalunga.....	21
1.4 Objetivos	24
1.4.1 Objetivo Geral.....	24
1.4.2 Objetivos Específicos.....	24
1.5 Perguntas de Pesquisa	24
1.6 Participantes da Pesquisa	25
1.7. Perfil dos Pesquisados.....	25

CAPÍTULO II

2.0 A EDUCAÇÃO DO CAMPO- UMA SÍNTESE.....	27
2.1 Educação do Campo	27
2.2 Formação de Educadores do Campo	29
2.3 Licenciatura em Educação do Campo	30

CAPÍTULO III

3.0 BASES TEÓRICAS: ECOLINGUÍSTICA E ETNOBOTÔNICA	32
3.1. Ecolinguística	32
3.2. Etnobotônica	38
3.2.1. Conhecimento Etnobotônico Kalunga.....	39
3.2.2. Sustentabilidade	43

CAPÍTULO IV

4.0 ANÁLISE DOS DADOS.....	47
4.1 Plantas existentes no Território Kalunga Vão de Almas que servem para Construção de Casas	47

4.2 Plantas mais fáceis e difíceis de serem encontradas.....	50
4.3 Plantas mais difíceis de serem encontradas.....	51
4.4 Propostas de Preservação das Plantas que servem para Construção de Casas na Comunidade Vão de Almas.....	52
4.5 A Continuidade da Tradição de Utilização das Plantas para Construção de Casas na Comunidade Vão de Almas.....	53
4.6 Plantas de Uso na Construção de Casas Kalungas.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	57
APÊNDICES.....	58
OUTROS ANEXOS.....	65

INTRODUÇÃO

A problemática desta monografia se mostra a partir da investigação, análise e registro das plantas de construção de casas kalungas na comunidade Vão de Almas. Isso auxiliará na discussão sobre sustentabilidade ambiental e a importância da preservação do meio ambiente em sua pluralidade campesina e diversidade na flora, bem como na sensibilização dos povos kalungas sobre extinções de espécies de árvores, mudanças climáticas e desaparecimento da cultura local, sustentabilidade, residência familiar e da identidade camponesa.

Percebemos que na Comunidade Kalunga Vão de Almas há uma diversidade de plantas que são usadas para a construção das casas dos povos ali residentes e que essas plantas ao longo dos anos, com o uso abusivo da natureza, vêm se tornando cada dia mais difícil de ser encontradas. Assim, parte da cultura local tem se distanciado da formação do sujeito do campo, pois já existem casas na comunidade que não foram construídas de forma tradicional devido à exploração da flora de modo inadequado e à dificuldade que há de se encontrar determinadas espécies de plantas como, por exemplo, o Ipê, que são das matas virgens.

Essa exploração, como já dito, incluindo aí o desmatamento ilegal, as queimadas e as derrubadas das florestas virgens, gerou um problema de natureza macro, que é exatamente o que é sustentabilidade ambiental e qual o seu papel em uma sociedade ou comunidade.

Não podemos deixar de incluir aqui, com muita precisão, que existem na comunidade mais de 30 espécies dessas plantas utilizadas na construção de casas, plantas de diversas modalidades e com características típicas daquela comunidade.

O fato de a comunidade ser ocupada por negros descendentes quilombolas, que refugiaram da escravidão à procura do direito a uma vida mais justa, levou esses povos a lutarem por um desenvolvimento populacional intenso a ponto de descobrirem diversas formas de uso da natureza; de desenvolver também habilidades profissionais típicas e culturais da comunidade, bem como a de construção de casas de palhas e pau-a-pique que ruraliza e simboliza suas identidades enquanto Kalungas na sociedade.

As formas de uso da natureza nem sempre foram de modo equilibrado, e é daí que surge a problemática desta monografia, de uma preocupação com o

desaparecimento da parte cultural e da diversidade de espécies de plantas de construção de casas; da percepção de como o uso inadequado dos recursos naturais provoca desequilíbrios climáticos, desaparecimento da diversidade da fauna; e, sobretudo, da preocupação com a exposição da vida do próprio sujeito humano a graves problemas e a grandes riscos de morte, uma vez que essa cultura é parte viva da história, memória e identidade desse povo.

Entende-se por cultura tudo aquilo que mantém uma comunidade viva com suas formas tradicionais desenvolvidas ao longo da história da humanidade. A cultura de construção de casas kalungas é parte de uma identidade maior dessa comunidade que vem sofrendo com interesses de culturas externas, bem como na negação dos saberes tradicionais, na extinção da comunidade de língua ali desenvolvida, como apontou Couto (2007), e na ocultação do próprio sujeito letrado e integrado na sociedade.

Diante dessa problemática, esta monografia apresenta a seguinte configuração: no primeiro capítulo, apresentamos a metodologia da pesquisa, os objetivos, as perguntas de pesquisas, as pessoas pesquisadas e o perfil de cada uma delas. No capítulo seguinte, falamos da Educação do Campo e de algumas de suas conquistas, posteriormente, no capítulo três, trazemos uma contextualização da Ecolinguística e, por fim, no capítulo quatro será apresentada a análise dos dados.

CAPÍTULO I

1.0 METODOLOGIA DE PESQUISA

A metodologia desta pesquisa está fundamentada no trabalho de Bortoni-Ricardo (2008) por se tratar de uma pesquisa qualitativa etnográfica. Segundo Gil (2010) a pesquisa etnográfica tem origem na antropologia e vem sendo utilizada como método e elemento para descrever a tradição cultural de uma comunidade tradicional mediante informações e trabalho de campo, defende-a ainda como estudo das pessoas em seus ambientes originalmente naturais.

Com base nisso, utilizo nesta pesquisa o seguinte procedimento metodológico: entrevistas, com anotações e gravação de vozes, com o recurso tecnológico de celular e gravador de voz. Além disso, serão abordados nesse capítulo o contexto de pesquisa, seus objetivos, as perguntas de pesquisas e o perfil das pessoas colaboradoras.

1.1 Pesquisa qualitativa

Para a realização deste estudo, optamos pela pesquisa qualitativa pelo fato de ela buscar desvelar o que ocasionou os problemas detectados, quais fatores estão diretamente ou indiretamente ligados a esses problemas, quais as relações e interesses estão envolvidos e como a comunidade e a sociedade se comportam diante de tais problemas. A pesquisa qualitativa é uma investigação do problema que se inicia com questões explorando a comunidade ou objeto de estudo sobre temas que podem constituir problemas de pesquisa. Ela pode ser entendida inicialmente como “definição do problema de pesquisa: perguntas exploratórias, depois postulação dos objetivos: geral e específico”. (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 54).

Nessa perspectiva, escolhemos a pesquisa qualitativa porque ela permite uma investigação, orientada por questões exploratórias e objetivos, que contribui na compreensão do problema de pesquisa e aponta, com clareza, dados que podem ser alterados no seu objeto de estudo na promoção de uma sustentabilidade ambiental.

Essa análise é uma estratégia estrutural entre pesquisa e as relações entre os indivíduos que formam um grupo especialmente aliado à observação participante em comunidades reais tradicionais. As comunidades rurais e seus membros tradicionais tendem a ter comportamentos homogêneos e há mais vigilância mútua, por isso pode se dizer que nessas comunidades há maior pressão normativa, favorecendo o consenso e atitudes homogêneas, pois os desvios de suas culturas são mais despercebidos e sofrem sanções sociais.

Segundo Bortoni-Ricardo (2008), a pesquisa qualitativa começa individualmente ou coletivamente através de interação com os participantes de pesquisa, observação do contexto, interpretação dele e de conclusão da interpretação dos dados gerados por meio de todo esse processo de pesquisa, tendo em vista a utilização de recursos próprios conforme a metodologia escolhida para a pesquisa de campo. No caso deste trabalho, a pesquisa Etnográfica.

1.2A entrevista

Como um evento de relato da voz do pesquisado, a entrevista traz características relacionadas aos papéis sociais, aos direitos e deveres associados, como tradução do conhecimento empírico, dispondo dos participantes em fazer convergir sua linguagem. Como exemplo de entrevistas em que há esforço da convergência bem sucedida, destacarei, posteriormente, alguns postulados que mostram vários modos dos povos da comunidade expressar suas falas ou sua língua.

Ainda de princípio qualitativo, a pesquisa aborda a investigação, que aponta diferentes concepções, estratégias de investigação, métodos de geração e análise de dados. De acordo com Creswell (2010), a observação, procedente do método qualitativo, mostra diversas perspectivas que variam o pensamento de justiça social como postura ideológica e filosófica sistematizadas.

Como pesquisador qualitativo que me tornei neste trabalho, partiremos da geração de dados no campo e no local onde os colaboradores desta pesquisa vivenciam a questão ou problema em estudo. Para isso, recorreremos a conversas diretas com essas pessoas e a observação do comportamento e ação neste contexto. A pesquisa, como definida por Creswell (2010), é uma forma de os

pesquisadores interpretarem o que observam, ouvem e entendem, ainda que ele esteja diretamente ligado à origem, história e contexto da comunidade pesquisada.

1.3 Contexto de pesquisa

Vão de almas,
Eu penso em ti,
Nas tuas matas,
Nos rios que te banham,
Nas montanhas que te norteiam de ponta a ponta,
Penso nas tuas belezas naturais,
Nos teus filhos que residem ali há muitos séculos,
Penso nas festas comemorativas e tradicionais,
Nas folias, e na festa de Nossa Senhora D`badia,
Penso na melodia dos pássaros ao romper do dia
Penso, enfim... em tudo que me forma e forma a ti,
na minha linda casa e minha cama pra dormir
(ADÃO FERNANES, 2015)

Como sujeito quilombola Kalunga que sou, estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) e pesquisador Ecolinguístico na comunidade Vão de Almas, onde resido, constituo-me também como um pesquisador etnógrafo. A seguir, apresento uma fotografia da minha moradia, na referida comunidade.

Foto 1- Moradia do aluno pesquisador



Fonte: Acervo do pesquisador

1.31 Vão de Almas

O quilombo Kalunga é um dos maiores quilombos do Estado de Goiás que norteia todo país brasileiro, dividindo-se em diferentes localidades, áreas e regiões. Esse quilombo foi construído historicamente pela luta dos negros contra a escravidão. Os negros escravos refugiados foram-se espalhando e procurando os lugares mais secretos a fim de ter direito à vida e construir famílias. A Comunidade Vão de Almas está situada na região da chapada dos veadeiros, no município da cidade de Cavalcante – Goiás, a aproximadamente 90 km da sua sede municipal, como um dos mais secretos esconderijos desses negros escravizados, especificamente pelo fato da mesma ser uma comunidade de difícil acesso, cercada por enormes montanhas, matas e rios, e que com o passar dos tempos esses povos foram descobrindo formas de dominação da natureza. Essa relação com a natureza veio passando as gerações e foi motivo de grandes avanços na humanidade, mas também de grandes fracassos dos ambientes naturais, causando danos irreversíveis na diversidade da vida no planeta Terra.

Optamos aqui em falar da diversidade da flora, que é o foco principal desta monografia. Entretanto, gostaríamos de frisar bem que a comunidade era e ainda é bastante rica em sua diversidade da vida vegetal, possuindo milhares de espécies nativas do cerrado, das quais mais de 30 são conhecidas pelos povos da comunidade e utilizadas para construir suas residências.

Nas fotografias abaixo, registramos algumas dessas espécies utilizadas na construção de casas, na comunidade Vão de Almas.

Foto 2 - Sucupira Branca



Foto 3 - Pequi



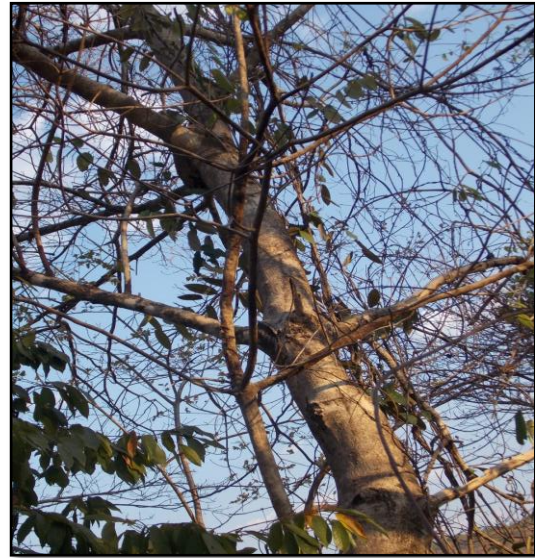
Fonte: Acervo do pesquisador

Foto 4 - Aroeira



Fonte: Acervo do pesquisador

Foto 5 - Pereira da Mata



Fonte: Acervo do pesquisador

Foto 6 - Jatobá da Mata



Fonte: Acervo do pesquisador

A construção dessas casas veio, ao longo da formação da comunidade, sendo descoberta pelos seus moradores. Com o experimento e uso das árvores, tornou parte viva da cultura e identidade camponesa, mas, despertou nesses povos um interesse maior, que é o desmatamento ilegal para plantação, pastagens, para a própria construção de casas, queimadas, dentre outros.

Esses danos na natureza provocou a redução das espécies tanto da fauna como da flora, ou seja, modificou ecossistemas inteiros e hoje dificultou a localização de várias dessas espécies, pode ser que até mesmo colocando algumas delas à margem da extinção. Por falar em extinção, cabe salientar que para não haver a extinção é necessária a preservação do meio ambiente natural, e é exatamente disso que estou falando quando menciono sustentabilidade ambiental.

Como dissemos anteriormente, plantas que antes eram bastante encontradas para construir casas, hoje não são mais encontradas ou se encontram em uma pequena quantidade e com uma baixa qualidade, como é o caso da Sucupira, Aroeira, Ypês, Jatobá, etc. Precisamos, como um todo complexo ecossistema, de um cuidado maior, um pensar em como preservar aquilo que ainda existe e analisar formas de restituir seus ambientes naturais para que na conjuntura tenhamos a diversidade da vida de forma sustentável e de qualidade, sem fazer com que essa comunidade perca sua diversidade cultural, sua história de vida e a própria identidade tradicional.

Continuamos referindo-nos ao problema de natureza maior para a construção desse trabalho: o desmatamento inadequado e a destruição dos habitats, pois é esse complexo de vida que sustenta outras vidas, assim, uma vez destruído, toda a vida será destruída. Para o ser humano não é diferente, nossa vida depende, em primeiro lugar, da natureza vegetal, pois é daí que abstraímos a energia para nossos processos de vida e as matérias primas para satisfazer nossos desejos de materialidade.

Tudo que foi dito até agora foi para contextualizar o problema de degradação da natureza no âmbito das espécies de árvores que servem para construir casas kalungas na Comunidade Vão de Almas.

Este trabalho vincula-se à motivação dos povos kalungas da Comunidade Vão de Almas sobre a importância da preservação do meio ambiente natural no território camponês. Buscamos, por meio de investigação, análise e registro de dados em depoimentos feitos por moradores da mesma, sensibilizá-los sobre a perda da diversidade florestal, que possivelmente tem provocado e provocará alterações no ecossistema, colocando em extinção diversas espécies não só da flora como também da fauna. Em consequência disso, a reação da Mãe Natureza fará com que nós seres humanos soframos. Além disso, este trabalho busca os múltiplos letramentos dos povos dessa comunidade, relacionando-os e comparando-os como era a comunidade antes e como ela está na atualidade. De antemão, quero dizer que percebemos que a comunidade já tem sofrido mudanças drásticas, como, por exemplo, a destruição das matas ciliares (matas virgens que se encontram nas encostas dos rios da comunidade de pesquisa ou quaisquer outras comunidades).

Para além do já mencionado, este trabalho vem ainda numa perspectiva de promover formas de reflorestamento com plantas típicas da região e meios de preservação das florestas remanescentes ali existentes com um olhar crítico social da diversidade ambiental em sua complexidade. Toda nossa teoria é apenas um meio de conceituar, de maneira consistente, os processos internos dos fenômenos prejudiciais à população daquele espaço camponês e os fatos conhecidos cientificamente deduzidos dela.

1.32 O povo Kalunga

O fato de terem permanecido distantes dos centros urbanos, pelo menos até o período de instauração do Capitalismo, acabou fazendo dos povos Kalungas um dos poucos exemplos no Brasil e no mundo de remanescentes africanos que sofreram apenas pequenas influências externas em seus modos de vida. Isso nos aciona para as relações mantidas entre os membros da comunidade, ou seja, a forma como eles interagem, trocam experiências, repassam seus conhecimentos, preservam suas tradições e lidam com o meio ambiente, como apontou Araújo (2014). E o elo principal disso tudo, segundo Couto (2007), é a língua.

Atualmente, a região kalunga preserva suas características rurais, ainda que venha sofrendo certa influência urbana devido às suas belezas naturais e riquezas culturais. Mesmo afastada dos grandes centros, a comunidade Vão de Almas encontra-se hoje na aventurada instauração dos seus bens, principalmente no âmbito do cerrado ecológico, geralmente buscado na região da Chapada dos Veadeiros. O município de Cavalcante possui grande beleza natural, com inúmeras fitofisionomias do Cerrado e, por isso mesmo, é notória a manutenção das características tradicionais da comunidade, sendo comum a agricultura e suas formas de resistências às dificuldades ali enfrentadas. As atividades envolvem os membros das famílias, atividades essas que os tornam responsáveis pela base principal do sustento da população do Vão de Almas. As ervas medicinais e os frutos do cerrado também são elementos de cura e de bases complementares nos meios de sustentos das famílias kalungas.

De acordo com essas descrições e com o que nos apresenta Araújo (2014), as comunidades rurais, como Vão de Almas, por exemplo, que é uma das mais isoladas nas regiões do quilombo kalunga, ainda revela um forte reflexo do contato entre línguas e meio ambiente na estrutura gramatical das variedades atuais do português brasileiro, cujos efeitos resultam da combinação das condições históricas em que elas se formaram com o isolamento ao longo de sua existência em que se conservaram até então.

Contudo, deve-se considerar a existência de diversos processos do conhecimento etnobotânico como variação linguística e mudanças induzidas pelo contato entre língua e meio ambiente, os quais se alastraram para todas as variedades do português no Brasil, inclusive a sua norma dita culta. Ainda assim, mesmo diante de um quadro de heterogeneidade inerente, o que se espera é que,

no geral, os efeitos sejam mais notáveis nestas comunidades rurais, o que justificaria também, se fosse o caso deste trabalho, o conceito da variação linguística nestas comunidades kalungas do Brasil.

Entre um *lócus* e outro é possível apontar um *continuum* que abarca as diferentes realidades linguísticas presentes no processo de formação da sociedade brasileira, ou melhor, falar das diferentes línguas, como ressalta Couto (2007), que integram a grande Comunidade de Língua portuguesa. Define-se, assim, de acordo com Bortoni-Ricardo (2008), um *continuum* em um universo em que predominam comunidades mistas, de modo que considere a expansão territorial e a relação entre sujeito e meio ambiente. Mostrando essa peculiaridade sobre a Comunidade Kalunga, tal informação será interessante para este trabalho que trata dos nomes de árvores na variedade desse povo. Essas árvores são usadas na construção de casas nessa comunidade.

Dito isso, as fotos de construção de casas Kalungas apresentada logo abaixo não deixa de expor a riqueza concreta do que viemos discutindo neste trabalho que se trata em suma, da ecolinguística e etnobotânica Kalunga.

Foto 7 - Construção da casa Kalunga



Fonte: Acervo do pesquisador

Foto 8 - Construção da casa Kalunga



Fonte: Acervo do pesquisador

Foto 9 - Construção da casa Kalunga

Foto 10 - Construção da casa Kalunga



Fonte: Acervo do pesquisador

Fonte: Acervo do pesquisador

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo geral

- a) Investigar quais são as plantas típicas do território kalunga utilizadas na construção de casas na Comunidade Vão de Almas.

1.4.2 Objetivos específicos

- a) Registrar os nomes das plantas que são utilizadas para construção de casas kalungas na comunidade Vão de Almas;
- b) Verificar quais são as plantas mais utilizadas na atualidade para construção dessas casas;
- c) Investigar quais plantas estão desaparecendo por causa da prática do seu uso na construção de casas;
- d) Contribuir com as pessoas da comunidade kalunga Vão de Almas, principalmente os mais jovens sobre preservação das espécies de plantas levantadas para construção de casas;

1.5 Perguntas de pesquisa

- a) Quais são as plantas existentes no território kalunga Vão de Almas que servem para construção de casas e onde elas são encontradas?

- b) Quais são as plantas mais fáceis ou difíceis de serem encontradas?
- c) Por que determinada planta é mais fácil ou difícil de encontrar?
- d) O que fazer para preservar essas plantas no território kalunga Vão de Almas?
- e) Como você vê essa tradição de utilização das plantas para construção de casas na comunidade atualmente entre os mais jovens?

1.6 Participantes da pesquisa

Os colaboradores desta pesquisa são pessoas da própria comunidade Vão de Almas que residem ali e têm um conhecimento riquíssimo sobre as plantas de construção de casas kalungas. Será abordado o conhecimento de oito indivíduos dos quais com diferentes perfis. Essas pessoas moram ali com as famílias, trabalham para se sustentarem e contam, às vezes, com o programa governamental Bolsa Família e aposentadoria por idade. A pesquisa aconteceu com pessoas de 12 a 90 anos de idade, dentre os pesquisados destacam-se duas mulheres que também demonstraram seus lindos e ricos conhecimentos etnobotânicos.

1.7 Perfil dos pesquisados

(I) J. P.O, de 34 anos, mora com esposa e duas filhas. Sua esposa tem 20 anos uma das filhas tem 06 anos e outra de 05 anos;

(II) J .R .C. S, de 42 anos, mora com sua esposa e 3 filhas. A sua esposa tem 38 anos, e as filhas, da mais velha para a mais nova, têm 11, 09 e 07 anos de idade.

(III) S. P.S, de 25 anos, mora com sua esposa e 3 filhos. A esposa tem 28 anos, e as filhas, da maior para a menor idade, têm 09, 07 e 05 anos.

(IV) J. C. F., de 57 anos, é pai de sete filhos, solteiro, e tem sua residência na comunidade desde suas antigas origens. Entretanto, esse colaborador atua como empregado em chácaras no entorno do Distrito Federal (DF) devido à dificuldade financeira vivida na comunidade. Apesar de tudo, ele não abandonou sua antiga moradia na comunidade de origem.

(V) R.P.C., de 13 anos, nascida na cidade de Cavalcante-Go, mora com os pais e mais quatro irmãos mais novos que ela (pais e irmãos não identificados).

(VI) E.F.C, de 14 anos, mora com os pais e mais cinco irmãos e é nascido e criado na comunidade Vão de Almas (familiares não identificados).

(VII) P.S.R, solteira, de 53 anos, nascida e criada na comunidade, mãe de cinco filhos e mora apenas com um deles, o mais novo, de 20 anos de idade.

(VIII) R.S.R, de 85 anos e seis meses de idade, nascido e criado no território kalunga, morador da comunidade Vão de Almas desde sua infância, pai de oito filhos, sendo todos já maiores de idade, alguns donos de famílias. (Entrevista realizada na cidade de Cavalcante-Go pelo fato do entrevistado residir lá em decorrência de alguns problemas de saúde).

Como se pode ver, os colaboradores de pesquisa moram na mesma comunidade, são pessoas que têm uma história de luta, de resistência dos negros descendentes de escravos que naquela comunidade se constituiu e reconstituiu seus meios de sobrevivência. Entretanto, essas famílias desde tempos remotos, sobreviveram basicamente em cabanas até desenvolverem melhores condições de abrigos naquele território camponês. E um desses meios foi o aperfeiçoamento no conhecimento da flora e apropriação das técnicas de manejo e construção de seus habitats, ou melhor, das casas kalungas que são feitas de madeira, palha e adobe. Essa descoberta constitutiva das casas tornou-se um trabalho socialmente útil, por meio do qual eles passaram também ganhar recursos financeiros para adquirir outros bens para seus sustentos familiares.

Mediante a contextualização apresentada neste capítulo, apresentando a metodologia e contexto da pesquisa, os objetivos, as questões de pesquisa, as pessoas colaboradoras e os seus perfis, encerramos aqui essas discussões. No capítulo posterior, faremos um breve histórico sobre a Educação do Campo e algumas de suas conquistas, a partir das abordagens teóricas que registram a histórica que a Educação do Campo apresenta e representa para nós. Os teóricos os quais nos embasaremos são: Caldart et al (2012). E como última reflexão aqui, será exposta ainda um pouco da minha experiência de vida, construída na comunidade e vivenciada na Licenciatura em Educação do Campo no intercâmbio alternativo (TC e TU) Tempo Comunidade e Tempo Universidade.

CAPÍTULO II

2.0 A EDUCAÇÃO DO CAMPO - UMA SÍNTESE

Este capítulo tem como objetivo tratar do que é a Educação do Campo, suas lutas e algumas conquistas ao longo de sua existência até aqui. Por este viés, tratarei de alguns princípios constitutivos da formação do sujeito social numa perspectiva tridimensional embasada nos teórico que apresentei no encerramento do capítulo anterior, pontuando o campo (território) e a “Educação” (escola) como princípio dessas lutas. Não será de menor importância que chamo a atenção de todos para sentir e viver um pouco dessa história que tem gerado tantos conflitos na sociedade brasileira, transformando muitos sujeitos do campo e da cidade.

Sendo assim, gostaria de lembrar o fato de que, concebendo ao campo um espaço multilinguístico e interdisciplinar, como foi tratado no capítulo anterior, será reforçada a ideia de como esse espaço se faz presente para a manutenção e sustento de toda sociedade, não importando qual classe, etnia ou gênero pertença.

É de nosso interesse saber também como é que a sociedade e os interesses governamentais têm tratado desses assuntos e quais estratégias, ecologicamente falando, eles têm propiciado para o benefício da população rural, se é que eles têm pensado nisso. Entretanto, farei um breve comentário acerca do exposto para enfatizar melhor essa questão de política e educação no desenvolver deste capítulo.

2.1 Educação do Campo

Segundo Caldart (2012), a Educação do Campo reflete um fenômeno da realidade brasileira que estamos vivendo, respectivamente devido às organizações dos trabalhadores rurais na luta pela transformação social. Com isso, percebemos que esses embates são questões de legado de compromisso com a juventude desse país, tomada a cultura, a realidade o conhecimento tradicional e, sobretudo, o trabalho como princípio e base da formação humana.

Ainda de acordo com esses postulados, uma revelação dos objetivos dos sujeitos que remetem às questões da diversidade cultural e social por projetos de campo vincula-se também às questões de um projeto maior de país na concepção de políticas públicas de educação e de formação humana como um todo. Realça, a

propósito, nestas condições, uma linha ideológica nesse embate de concepção de Educação que ela seja uma prioridade em qualquer instância, que seja de formação cidadã deliberada e estruturada nas diversidades culturais camponesas.

A Educação do Campo, embora seja recente, é tratada, neste contexto, como categoria de análise, pois, possibilita perceber e analisar as questões apresentadas neste trabalho, nessa perspectiva do campo como espaço de formação humana. Análise do que está por vir, as mudanças, a formação crítica da consciência do sujeito do campo no campo. Caldart (2012) identifica que a Educação do Campo surgiu da ideia da Educação Básica do Campo no auge de uma Conferência Nacional de 1998, desmistificando e identificando o campo como espaço e trabalho dos camponeses. Não é em outro sentido que temos discutido o campo como grandes temas ambientais no conjunto das trabalhadoras e trabalhadores do campo, incluindo aí os quilombolas que ocupam grande parte desse contexto. Neste sentido, surge uma preocupação exponencial que é sobre a escolarização da população do campo. Preocupação que relativiza e que dá sentido à construção deste trabalho, atentando para a conscientização da população de uma comunidade dentro do contexto da Educação do Campo nas escolas do campo.

Essa realidade das lutas pela emancipação da Educação do Campo é bastante antiga, mas só recentemente ela ganha espaço nas discussões de projeto de humanização. É evidente que essas discussões e os projetos de transformações sociais já inaugurados, podem dizer assim, ainda não solidificaram nossa prática de Educação do Campo nas escolas do Campo, pois é necessário políticas públicas que deem apoio e atendas essas várias demandas universais.

A respeito disso, Caldart (2002) diz o seguinte:

As tensões sobre configurar a Educação do Campo na agenda da ordem ou da contraordem aumentam na proporção em que as contradições sociais envolvidas na sua origem e no seu destino se explicitam com maior força na realidade brasileira. Lutar por políticas públicas parece ser agenda da “ordem”, mas, em uma sociedade de classe como a nossa quando são políticas pressionadas pelo polo do trabalho, acabam confrontando a lógica de mercado, que precisa ser hegemônica em todas as esferas da vida social para garantir o livre desenvolvimento do capital (CALDART, 2012, p. 260).

Entretanto, nosso esforço aqui implica em como defender a educação dos camponeses fora da lógica da agricultura convencional e como restituir os campos

que vêm a cada dia se esvaziando. A Educação do Campo não nasceu de teorias, mas sim das práticas de trabalho e organização dos sujeitos que atuam no campo, da vida humana misturada com a terra, com soberana produção de alimentos saudáveis, com relações de respeito à natureza e, sobretudo, da luta contra a escravidão, enfrentada pelos movimentos camponeses. Assim, o modo de pensar em como fazer uma escola no campo e do campo tem nos desafiado, enquanto camponeses, a ocupar e permanecer naqueles espaços, a fim de realizar o sonho remontado vindo da antiguidade que é o direito a educação básica de qualidade.

Tecemos aqui uma consideração de que é também sujeito do campo aquele que tem tomado consciência de luta contra hegemonia e pensado no campo como espaço de formação do sujeito social. Esses episódios, brevemente relatados, sobre a historicidade do trabalho camponês caracteriza, em parte, o que é de fato Educação do Campo e seus objetivos.

2.2 Formação de Educadores do Campo

A Licenciatura em Educação do Campo brotou como resultado das lutas dos movimentos camponeses preocupados com a formação de educadores para atuar nas escolas do campo e nelas de fazer a diferença. E, por isso, tem garantido vagas de ingresso desses camponeses na Universidade e propiciado uma formação dos mesmos de modo que atuem no campo ou em uma escola no campo, mas convictos de uma formação social. A certeza disso são as experiências apresentadas tanto por egressos que estão atuando nesses espaços quanto por estudantes ingressados e comprometidos nas realizações de suas tarefas no intercâmbio de TC e TU (Tempo Comunidade e Tempo Universidade). Seria útil apontar aqui todos os aspectos de formação de Educadores para atuação nas escolas do campo, mas, na natureza que tomou este trabalho, irei fazer apenas uma breve discussão acerca disso.

A formação de educadores do campo tem possibilitado não só a construção de sujeitos enquanto humano, mas também tem dado bases de garantia aos meios de pesquisas, o que podemos chamar aqui de Competência Informacional, e ainda apontado meios de autossustentação dos sujeitos do campo. No que segue essas teorias orgânicas sobre o processo de formação de Educadores para as escolas do campo, alguns pensadores, como Caldart et al (2012), apontaram fundamentos teóricos e críticos sobre escola do trabalho como princípio de formação humana, a

auto-organização, currículo ligado à vida, metodologia de ensino aprendizagem etc., que podem ser adotados em meio a essa nossa perspectiva de transformação.

O “campo” dentro de uma Universidade tem ganhado seu espaço enquanto território. Mas, em contrapartida, não conseguiu ainda reverter o quadro lógico em que foi desenhado durante séculos pelo poder capitalista, pois é visto, atualmente, como bolsa de valor pelo agronegócio e, o pior, é tido como espaço antissocial onde os sujeitos não precisam de Educação formal e de qualidade.

2.3 Licenciatura em Educação do Campo

A Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) é resultado da necessidade de formar Educadores para atuarem nas escolas do campo, que sejam capazes de pensar em projetos de formação humana. Mas, muitos ainda devem-se perguntar: o que é Licenciatura em Educação do Campo? Essa pergunta não é simples e nem fácil de responder, mas, para que possamos ter uma noção e uma visão geral, a LEdoC é um exemplo de reconstrução da sociedade, preocupada com a formação do sujeito humano, é, por fim, uma forma de trabalhar os complexos na vida comunitária dos sujeitos do campo e na sociedade em geral. O materialismo histórico dialético apresentado na LEdoC emana da concepção de uma luta que tem origem na luta contra a escravidão e na reivindicação por direitos iguais.

De quaisquer modos, essa dicotomização por classe, etnias e gênero no Brasil e no mundo, tem deixado as comunidades rurais longe dos bens de desenvolvimentos sociais, e esse distanciamento é exemplo claro e motivo dessas lutas camponesas por direitos iguais, que também implica no modo de educação, pois é a partir daí que as coisas não se unificam, principalmente e, sobretudo, a questão da falta de formação intelectual do cidadão.

Tratamos aqui da Educação, em específico, porque é ela que é o princípio de tudo na construção do sujeito, e, no entanto, esse princípio tem se distanciado da formação humana e se preocupado apenas com a formação para o mercado de trabalho e pior que isso, para o mundo da desumanização.

A Educação tem sido negada aos trabalhadores do campo porque os políticos pensam que o campo é espaço de renda capitalista. Então, os sujeitos não precisam de educação, mas sim de serviço para serem explorados com sua mão de obra. É neste sentido e num sentido mais amplo que nós, como sujeitos dessa luta

por igualdade, devemos compreender um pouco os objetivos da LEdoC com suas lutas na formação de Educadores do Campo, pois ela está formando sujeitos lutadores, capazes de administrar os processos da gestão escolar e comunitária em qualquer espaço territorial.

Concluindo este capítulo, queremos dizer o seguinte: transformar a educação hoje é um dos maiores desafios e, ao mesmo tempo, uma das maiores possibilidades, talvez a única que temos para transformar todo o país secularmente hegemônico.

CAPÍTULO III

3.0 BASES TEÓRICAS: ECOLINGUÍSTICA E ETNOBOTÂNICA

Este trabalho está embasado teoricamente no contexto da Ecolinguística e Etnobotânica, buscando desvelar o *lócus* da comunidade Vão de Almas. Nesse caminhar, alguns autores, como Couto (2007), Araújo (2014), Wilson (2012) e outros, servirão de lanterna para fins dessa pesquisa qualitativa, que trata de conceitos e princípios ecológicos que são fundamentais para a epistemologia da Ecolinguística, dentre os quais: as inter-relações, adaptação, evolução, diversidade, sustentabilidade e a perpetuação da cultura de uso das plantas que servem na construção das casas kalunga.

A sustentabilidade está relacionada à capacidade de compreensão sistêmica da vida, sendo que o uso inadequado ou superexploração dos recursos disponíveis nos ecossistemas compromete a vida de toda espécie num território e, mais amplamente, no planeta como um todo, como salientou Araújo (2015) em seu artigo intitulado: *Aplicação dos princípios ecológicos nos estudos linguísticos: uma abordagem ecossistêmica da linguagem*.

3.1 Ecolinguística

Como o próprio nome já diz, a Ecolinguística tem a ver com a ecologia e com a linguística, portanto ela não é um substituto para a sociolinguística, mas um princípio norteador de pesquisa entendida como estudo das relações entre língua e meio ambiente. Com efeito, segundo Couto (2007), ela tem uma visão integradora, englobante e para praticá-la é preciso ter outra visão de mundo, pois a visão integradora encara as partes como relacionadas ao todo, bem como o todo relacionado às partes, daí conclui-se como a Ecologia Fundamental da Língua mostra que tudo começa de uma base física, ou seja, do meio ambiente territorial. “[...] A ecolinguística não estuda só a ecologia externa (exoecologia) da língua, como disciplina englobante que é, ela inclui no seu objeto de estudo a ecologia interna da língua (endoecologia)[...]” (COUTO, 2007, p. 21).

A população é um conjunto de indivíduos da mesma espécie, no mesmo tempo e no mesmo espaço territorial, e é neste sentido que devemos compreender a

Ecologia Fundamental da Língua, pois ela trata de conjuntos de organismos da mesma espécie que em um dado território se adaptam e relacionam entre si.

Por falar em adaptação, esse conceito, chamado também seleção natural de Darwin, é muito importante para a Ecolinguística, uma vez que essa adaptação é a capacidade que qualquer ser vivo tem de se adequar às alterações do meio ambiente físico. Outro conceito já proposto pelo político e biólogo sul-americano Jan Christian Smutus (1870-1950) apud Araújo (2014) é o do Holismo, justamente pelo fato dele trabalhar a totalidade do materialismo dialético e histórico e a despeito de ser antropocêntrico e a biologia ser biocêntrica, resvala assim, uma visão integradora, holística que vai muito além da visão antropocêntrica. Diante disso, devemos observar as relações entre os componentes bióticos entre si, com os componentes abióticos e as relações dos abióticos com eles mesmos.

Em suma, podemos dizer que, obrigatoriamente, hoje “os organismos estão sempre se adaptando ao meio ambiente e adaptando o meio ambiente a si, às vezes pela necessidade ou pela indissociável transformação”, sobretudo com a evolução da diversidade da vida na Terra (ODUM, 1971: 9, apud COUTO, 2007, p. 32). Sabemos que desequilíbrios nos ecossistemas levaram à extinção de espécies e que esses desequilíbrios são resultados da ação humana. Isso deve-se ao fato de que os organismos que não se adaptam o meio ambiente em si estão aptos a extinguirem-se, pois tudo no mundo está em constante evolução e essa evolução provoca **rearranjo** nos ecossistemas (processo de formação de novas espécies).

“Desde Darwin, estamos cômicos da imensa variedade de espécies de organismos que constituem os ecossistemas. Disso resulta a característica da diversidade, uma das mais apreciadas pela ecologia social” (COUTO, 2007, p. 34). É, portanto, um termo que remete à observação de preservação das espécies, já que para ter certa estabilidade no ecossistema é preciso ter muita diversidade.

Três princípios da ecologia que devem ser elencados aqui já discutidos no curso da LEdoC, na disciplina de Biologia, e mencionados por outros autores e citados por Couto em sua tese (2007, p. 36):

a) “A Natureza Sabe Mais”; isso demonstra a relação da própria natureza com os indivíduos e dos indivíduos com a natureza, num contexto de seleção e das condições favoráveis climáticas e adequação dos processos de sustentação da formação da humanidade. *A natureza sabe mais* reflete uma ideia de que entre uma

teoria e outra, proposta pelos humanos, não existe saber mais ou menos. Existem saberes diferentes e, por isso mesmo, a natureza é capaz de atribuir vida, valores e conhecimentos a todos e qualquer ser vivo, independentemente de quaisquer que sejam as diversidades desses seres.

b) “Tudo está ligado a tudo”; essa relação indicotomizável com a natureza fortalece essa teoria em vários sentidos. Em primeiro lugar, nós nada seríamos se a natureza não existisse. Isso significa que a vida surgiu a partir da própria natureza. Sendo assim, levantamos aqui ainda uma hipótese de que o que nós aprendemos ou devemos aprender de letramentos, cultura, organização e formação de uma nova sociedade depende diretamente da nossa relação com a natureza e do nosso compromisso e responsabilidade com as demais linhas de enfrentamento e ocupação. Entretanto, devemos, como de primeira ordem, destacar a Natureza como princípio de todas as coisas, e é neste sentido que abordo também de sustentabilidade ambiental para que possamos repensar meios de cuidar melhor daquilo que nos mantém vivo.

c) “a natureza é um processo em Interação, uma imensa rede que se responde a leis, que ela constitui um sistema de valor com oportunidades intrínsecas e restrições sobre o uso humano”; como se pode notar, fiz uma observação acerca da segunda expressão logo acima que talvez explique esta última aqui também, pois nada se pode mudar se não com a natureza, sendo ela uma ponte para todas as outras ligações da humanidade com todo o resto.

Consoante a essa interpretação, “a concepção de ecolinguística consiste no estudo das relações entre língua e meio ambiente social, mental e físico” (COUTO, 2007, p. 45), isso porque ela é necessariamente interdisciplinar e integra conhecimentos de várias disciplinas o que não a restringe de sua dimensão intertrans e multidisciplinar.

A ecolinguística trata de objetos já estudados por outras disciplinas, a diferença é que ela encara esses objetos a partir de uma perspectiva mais rica, integradora e conjunturada. Entretanto, a ecolinguística assume um papel de colocar a vida do sujeito em amplitude uma vez tomada como paradigma e centro de referência dos estudos da própria vida. Tudo o que foi dito até aqui foi para ilustrar o conhecimento como reflexo da realidade e do meio ambiente, e não um reflexo mecânico.

As diversidades biológica e linguística se preocupam com a cultura e a língua, uma vez que as mesmas estão intrinsecamente ligadas à terra e ao território, e que a diversidade cultural e linguística não se separa da diversidade biológica. Couto (2007) explica que é interessante notar que a expressão “ecolinguística dialética” é o título da sessão IV da coletânea, organizada por Fill, Penz &Trampe (2002), que contém três textos sobre essa vertente da ecolinguística (COUTO; 2007, p. 71).

Por isso mesmo, Door e Bang afirmam que a teoria linguística deve ser transdisciplinar, envolvendo não só conhecimentos linguísticos, mas colaborando com a antropologia, a biologia, os estudos literários, a psicologia e a sociologia. Uma vez que a ecolinguística é o estudo das relações entre língua e meio ambiente, os autores especificam que o meio ambiente da língua se apresenta sob três formas : 1) o meio ambiente físico, ou biológico que envolve a organização física, 2) o meio ambiente mental, ou ideológico, e 3) o meio ambiente social[...] (COUTO, 2007, p.71).

Como prova de que a ecolinguística já apresenta uma relativa vitalidade é proveitoso dizer que no Brasil já existem estudos mais aprofundados sobre o assunto.

Ainda de acordo com Couto (2007), a ecolinguística, além de ser uma postura para se unificarem as ciências, contribui também para a criação da mentalidade que leve ao desaceleramento do ritmo de degradação e destruição da vida na face da terra em si, basicamente formada por um ecossistema e este, constituído pela língua, povo, território e todos os outros seres bióticos que dão significados a Ecologia Fundamental da Língua.

Ressalvamos aqui que comunidade biológica é o conjunto de seres vivos de diferentes espécies que compartilham uma mesma região, o que forma uma comunidade de fala complexa. Geneticamente, a comunidade de fala sempre precede a comunidade de língua, uma vez que a comunidade de língua representa o coroamento de um longo processo iniciado pelo conjunto de indivíduos que vivem juntos em um território. A língua, nesses aspectos, é tomada como modo de comunicação de um povo; é a totalidade dos códigos que estrutura uma determinada comunidade; é tudo que orienta o comportamento no seio da coletividade; tudo que confere eficácia aos atos de interação comunicativa entre seus membros. Adam Makkai (1993, p. 71), apud Couto (2007, p.99) afirmou que “a

ideia básica de que a língua, não é um conjunto de objetos, mas, uma rede de relações é essencial para a gramática pragmo-ecológica”. Para ele,

[...] a língua é um sistema de subsistemas parcialmente dependente e parcialmente independente que forma uma ponte de duas mãos entre a cognição humana por meio do qual seres humanos reais em sociedades humanas terrestres comunicam uns com os outros em diálogos, ou consigo mesmos em monólogos (MAKKAI 1993, p. 141 apud COUTO, 2007, p. 99).

Nesse universo ecolinguístico o território (T) é o componente mais concreto de comunidade, é o seu suporte material. Os rios e os mares bem como o lagos, são imprescindíveis, pois sem água não há vida e sem vida não há povo nem indivíduos, sem ele (T) não haveria fauna nem flora, portanto, o território é indispensável na compreensão da ecolinguística.

Como se vê, a sociedade é o povo e a língua tomados em conjunto e, de certa forma, essa relação é o próprio objetivo da ecolinguística, entendida no presente trabalho e definida como estudo das relações entre língua e meio ambiente. Não se pode esquecer, no contexto aqui presente, a distribuição e variação geográfica das línguas nem a variedade de línguas em um mesmo território.

Couto (2007) atesta nesta mesma lógica que comunicar é um tipo de se adaptar do falante com o ouvinte, do ouvinte com o falante e ambos ao meio ambiente. E por falar em meio ambiente, voltamos a afirmar que sua primeira manifestação é o meio ambiente físico, ou seja, o território, mas não se restringe nisso. Ele também engloba os aspectos geográficos (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, o que define de base econômica da vida humana (fauna, flora e recursos minerais).

Mediante o que Couto (2007) defende, a estrutura da língua reflete a estrutura do **pensamento** e a estrutura desse reflete a da realidade, pois ela mostra a própria manifestação natureza material e, em suma, a língua é física, por onde quer que a encaramos. Berman (2001, p. 259), apud Couto (2007, p. 136), enfatiza a ideia de que “a estrutura de nossa língua reflete e reproduz o paradigma dominante e a desvalorização das mulheres e da natureza na sociedade patriarcal” (BERMAN, 2001, p.259 apud COUTO, 2007, p. 136). Em consonância com os princípios da

ecolinguística, consideramos, neste trabalho, a semântica como sendo o estudo de como os povos de uma comunidade classificam linguisticamente o meio ambiente.

Aprofundamos nossa concepção de ecolinguística encarando as relações entre membros da comunidade com o meio ambiente físico, apontando aspectos que me chamaram a atenção neste trabalho. Um dos aspectos foi os acidentes geográficos de pequena escala, como cursos d'água, que é também tudo que tem a ver com o biótipo da comunidade e, por isso mesmo é que diversas espécies de vegetais e animais, devido aos desmatamentos e outras ações predatórias dos humanos sobre a natureza, estão se extinguindo.

Nas regiões do quilombo que foram examinadas, muitas espécies conhecidas pelos mais idosos, quando criança, já não existem mais, ou se existem não são mais encontradas, o que significa que estão ficando cada vez menos conhecidas, sobretudo aos olhos das novas gerações.

Outro tipo de conhecimento muito relativo e que também está se perdendo é a tradição cultural do uso de algumas dessas espécies nas comunidades tradicionais, como é o caso do Vão de Almas. Isso nos responsabiliza da grande missão que é incentivar os pequenos cidadãos quilombolas a amar a família e a natureza como a eles mesmos, pois percebemos sutilmente que [...] “os brancos estão fazendo mais uma vez o que fizeram quando chegaram ao Brasil, estão mudando nossa cultura” (Correio Brasiliense, 11//2004, p.18 apud COUTO, 2007, p. 224).

Algo muito similar que está acontecendo, principalmente nas comunidades tradicionais, é o interesse dos grandes latifundiários degradando a cultura, a língua, bem como o biótipo com que tem convivido por dezenas e centenas de anos os povos dessas comunidades rurais tradicionais.

Ainda a respeito disso e da ecolinguística, um levantamento crítico feito por Couto (2012a) revela que cerca de 60% dos ecolinguistas se dedicam à análise de problemáticas do ambientalismo. Apenas uns 37% tratam de fenômenos linguísticos partindo de cotradicional, independentemente da Ecolinguística. Estes conceitos da Ecologia, ou melhor, aqueles que fazem parte do ecossistema ecológico, o autor considera ainda como uma abordagem voltada apenas à análise dos discursos das questões ambientais, e, pode ser feita perfeitamente no intuito da Análise do Discurso direto do conhecimento etnobotânico e da sustentabilidade.

3.2 Etnobotânica

A etnobotânica consiste no ramo da ciência que engloba todos os estudos condizentes às inter-relações mútuas entre meio ambiente (plantas) e povos tradicionais. De maneira mais ligeiramente clara, ela é o estudo das relações entre populações e plantas. O objeto se restringe ao uso de plantas por povos tradicionais das comunidades rurais, isso justifica a inclusão do conhecimento etnobotânico (etnozoológico) da comunidade rural que discutiremos posteriormente. Na verdade, o que interessa aqui é o conhecimento que esses povos têm das plantas, o uso que fazem delas e como as tratam e se esse conhecimento está sendo repassado de geração para geração.

Para fins de melhor entendimento, a familiaridade dos povos kalungas com árvores de seu habitat é rigorosamente rica, eles sabem sobre a dureza, o peso a flexibilidade, a resistência e a deterioração de todas as madeiras de uso, principalmente as usadas para construir uma casa. O fato é que esses povos conhecem centenas de árvores e, de certa forma, as classificam como útil e inútil, ou seja, aquelas que têm mais finalidade e as que têm menos finalidades. Das que têm maior finalidade, destacamos o ipê amarelo, o jatobá, a aroeira, a sucupira, entre outras. Devo observar que do total de árvores que são conhecidas pelos povos kalungas, cerca de 20 dessas árvores são parcialmente úteis nessa construção. Algumas dessas árvores são de uso medicinal, mas o uso dessa medicina não será abordado com mais profundidade neste trabalho.

A biologia já nos ensinou que a cadeia alimentar começa pelas plantas, elas são o início de tudo, fornecem a base para a alimentação tanto dos humanos quanto dos animais, assim a considero como princípio de desenvolvimento da humanidade.

Em suma, nessas comunidades tradicionais é notória a quantificação de espécies de vegetais e a diversificação do conhecimento etnobotânico entre homens e mulheres. Couto (2007, p. 232) registra que “o conhecimento da flora local é maior entre as pessoas do sexo masculino”. O fato é que mesmo tendo sido as mulheres que, na história da humanidade, descobriram a agricultura, os homens, de certa forma, lidam mais com as plantas do que as mulheres, em específico no uso das plantas para construção de casas kalungas.

Percebemos que tudo o que acaba de ser dito faz parte do conhecimento, ou melhor, do etnoconhecimento que pequenas comunidades quilombolas têm da utilidade de determinados seres do meio ambiente e, por isso, a ecolinguística é uma ótima instância para os estudos entre língua e meio ambiente, uma vez que a língua usada pelos povos dessa comunidade é parte do meio ambiente físico.

A classificação das coisas e acidentes do meio ambiente apresenta aspectos universais na espécie humana, pois são eles que, de certa forma, dão nomes a objetos, talvez até mais do que qualquer área do vocabulário de uma língua. Isso fica mais evidente quando pensamos na formação de uma comunidade crioula. Salientamos que pode haver discrepância entre o nome oficial pelo qual os membros da comunidade o conhecem, ou melhor, pelo nome tradicional conhecido na comunidade.

No âmbito de nomeação das coisas é que a etnoantroponímia surge como parte da etnoecologia linguística no propósito de estudo dos nomes dados pelos povos tradicionais de uma comunidade rural entre si, isso enquadra perfeitamente nos estudos da ecolinguística que, como qualquer disciplina, adota como base conceitos da ecologia biológica com ênfase nas múltiplas relações etnobotânica tradicionais e sociais.

Como se nota, a questão de nomeação reflete também as relações sociais vigentes na comunidade. A conclusão é que a linguagem é de todo o povo e não é por menor que as comunidades tradicionais tenham adotado sua própria linguagem. Creio ter ficado claro que tudo aqui discutido fazem parte da teia que constitui o Ecosistema Fundamental da Língua, acredito também ter explicitado toda a importância do estudo ecolinguístico para uma visão da linguagem de mundo numa perspectiva tridimensional de um território com suas especificidades, sobretudo na perspectiva de uma Sustentabilidade Ambiental.

Como se vê em Wilson (2012) a diversidade da vida caracteriza também a diversidade da língua, dessa forma, sem dúvida, os modos de conceituação serão alterados de época para época com o alargamento das experiências e do conhecimento botânico kalunga da comunidade Vão de Almas.

3.2.1 Conhecimento Etnobotânico Kalunga

Sabemos que o conhecimento etnobotânico kalunga vai muito além do conhecimento sobre as plantas, isto é, está relacionado a outros elementos bióticos

e abióticos do meio ambiente em que vivem os membros das diversas comunidades. Mas, sem dúvida alguma, é inquestionável a importância das plantas para manutenção da vida humana e de tantas outras espécies de seres vivos no planeta.

O uso da flora apresenta-se como algo fortemente vinculado ao saber tradicional e cultural das comunidades locais, possibilitando o conhecimento preciso sobre as plantas para fins de sustentabilidade da vida local, basicamente como: alimentação, remédios e uso na construção de casas, como já discutido. Cabe lembrar ainda que o interesse humano pelas plantas, como salienta Araújo (2014), foi o responsável pelo desenvolvimento da agricultura e urbanização, o que ocasionou mudanças nos espaços geográficos e a perda da diversidade da flora.

Por outro lado, as populações tradicionais têm mostrado possibilidades de sobrevivência diferentes, com técnicas e uso da natureza, mas não têm resistido à pressão hegemônica e já sofrem fragmentações com o uso abusivo dos ecossistemas e suas ramificações. Assim sendo, esta pesquisa etnobotânica, de caráter multidisciplinar, tem o propósito buscar informações a respeito das espécies de plantas para construção de casas existentes em determinada região, no caso, Vão de Almas, e, inclusive, a possibilidade de descobrir espécies exóticas.

A consciência e a necessidade de interação e integração das diferentes áreas do conhecimento têm permitido abordagens interdisciplinares nas ciências biológicas, incluindo os estudos etnobotânicos atuais, o que torna mais proveitosos os esforços de inúmeros pesquisadores em comunidades tradicionais, emitindo uma preocupação com a preservação e conservação do meio ambiente natural e a valorização das línguas tradicionais. Como exemplo disso, destacamos alguns requisitos engendrados na comunidade Vão de Almas, e mais, fica aqui uma sugestão que esse conhecimento acerca desses requisitos é de autonomia e direitos próprio daqueles sujeitos que têm uma forte relação com a Natureza.

“O conhecimento etnobotânico kalunga também se estende à diversidade do Cerrado” (ARAÚJO, 2014, p. 101) e do território na medida em que a população vai ocupando o campo como espaço de vivência e de desenvolvimento social nas comunidades tradicionais. Em meio às caminhadas realizadas nas matas e cerrados da comunidade, descobri, com a ajuda dos entrevistados, algumas espécies e habitats de árvores, como será apresentado no capítulo de análise. Diante disso,

serão registradas muitas nomenclaturas do conhecimento etnobotânico e da linguagem empírica como parte viva comprovada dessa identidade camponesa.

A construção das casas de palhas e madeira evidencia o modo de relação e conhecimento etnobotânico da comunidade. O compartilhar de objetivos e a complexa relação de interdependência de seus membros e da própria natureza reflete um modo peculiar, típico da identidade cultural do povo kalunga. Dito de outro modo, o conhecimento tradicional é um elemento constituinte da cultura da própria identidade da comunidade, resultante do aprendizado que lhes permitiu a adaptação ao seu meio e o meio a si na integração ecolinguística, como salientou Araújo (2014).

Em comunidades ou sociedades tradicionais, a práxis é o principal modo pelo qual o conhecimento etnobotânico é perpetuado. O mesmo conhecimento é transmitido também em situações de trabalhos do dia a dia da comunidade ou sociedade em que se faz necessária a absorção entre gerações num sistema de contato intenso direto e prolongado dos membros mais velhos com os mais novos na realização de qualquer que seja a tarefa. Isto acontece constantemente e naturalmente nas comunidades rurais. Desse modo, o aprendizado sobre as plantas para uso na construção das casas kalunga é feito pela socialização no interior do próprio grupo doméstico e de parentesco, sem necessidade de instituições mediadoras: crianças e jovens acompanham membros da comunidade na execução de tarefas cotidianas em ambientes físicos diversificados e assim é transmitido, repassado ou absorvido o saber ordinário, normal, necessário àquele grupo social, para que se perpetue e dão qualidades e pertinência às gerações futuras.

O que queremos frisar com isso é que à medida que a interação de membros da comunidade ou território alastra com outros elementos da biodiversidade (MA - meio ambiente) estes elementos só passam a fazer parte ou constituir as relações culturais da comunidade e uma identidade maior da mesma mediante a interação entre os seus membros, como vimos em Ecolinguística. Dessa forma, os moradores do Vão de Almas tiveram de buscar respostas no próprio meio ambiente para garantir seu desenvolvimento.

As indicações de uso das plantas sugeridas pelos quilombolas da comunidade Vão de Almas para construção de casas revela o processo de adaptação desse povo às peculiaridades e às necessidades por eles enfrentadas e

vividas historicamente, como se mostra em alguns registros de construção de uma casa kalunga com as indicações das plantas que é “boa pro chão” e “boa pro ar”. Quando os kalungas dizem que uma planta é "boa pro ar" significa que é resistente aos impactos, vento, sol, chuva, pragas roedoras, etc. (parcialmente). Já a planta que é "boa pro chão" possui muito mais resistência às adversidades, por isso é utilizada na base das construções, ficando enterrada no solo, exposta ao vento, sol e chuva e ainda resistindo às pragas, (insetos destruidores de madeiras) como salientou (ARAÚJO, 2014, p. 108). As imagens aqui provam esse fato.

Foto 11 – Peças extraídas da Sucupira



Fonte: acervo do pesquisador

Foto 12 – Casa em construção



Fonte: Acervo do pesquisador

Foto 13 – Interior da casa pronta



Fonte: acervo do pesquisador

Foto 14 – Interior da casa pronta



Fonte: Acervo do pesquisador

3.2.2 Sustentabilidade

Como foi dito na introdução, os problemas decorrentes da ação do homem com a natureza surgem de modo insatisfatório. Wilson (2012) frisou isso, e aqui retomamos esta ideia de que as forças colossais do ambiente físico colidem com as resistentes forças da vida, o que equivale dizer que quando se perde a força da diversidade se perde parte da vida de uma comunidade. Fenômenos assim indicam que uma nova maratona está começando em um determinado lugar e que o mesmo poderá romper o crisol da evolução levando milhares de anos para a recuperação completa de cada espécie de vida extinta. Wilson (2012) traz outras importantíssimas e perturbadoras questões sobre a concepção da diversidade da vida; a) será algum dia possível avaliar os danos à diversidade biológica que estamos sofrendo? b) e finalmente a questão de interesse fundamental é saber quanto da biodiversidade global podemos salvar conosco nos próximos cinquenta ou cem anos (WILSON, 2012, p.317-428).

Foto 15 – Focos de queimada na comunidade Vão de Almas



Fonte: acervo do pesquisador

Essas questões ficam como alerta sobre a diversidade biológica, já enfatizada por Wilson, para que possamos, juntos, pensar e promover o desenvolvimento sustentável e salvar o que ainda nos resta de natural.

A espécie-chave mais poderosa e conhecida na comunidade Vão de Almas talvez seja a Aroeira, essa árvore de grande importância florescia outrora nas matas

pluviais próximo dos leitos dos rios do norte ao sul da comunidade, mas essa planta foi caçada pelos moradores da própria comunidade por muitos e muitos anos por causa de sua resistência e diversos modos de usos, de tal foi abusivo o modo que se encontra próxima da extinção.

Foto 16: aroeira



Fonte: acervo do pesquisador

Segundo Wilson,

[...] uma recente e bem-sucedida abordagem consiste em deduzir as regras de formação das faunas e floras. Embora a tentativa de identificar espécies-chaves tome uma comunidade basicamente como ela é e calcule o que acontece quando a espécie candidata é retirada, as regras de formação procuram a reconstruir a sequência em que as espécies foram acrescentadas quando a comunidade passou a existir. E mais: postula quais sequências são possíveis e quais não são. Permitam-me expressar a ideia usando um exemplo imaginário escolhido por sua clareza. [...]" (WILSON, 2012, p. 211).

Resumindo, o que sabemos sobre a formação de comunidades? Sabemos que há muita organização nas ligações entre as espécies e que qualquer que seja o tipo de comunidade, todos os organismos de um trecho de floresta pluvial, por exemplo, de um recife de coral ou de uma fonte de deserto. Será algum dia possível avaliar os danos à diversidade biológica que estamos sofrendo? De certa forma, não nos damos conta de um problema de maior importância imediata para a

humanidade. A extinção, como salientou Wilson (2012), é o processo biológico mais obscuro e mais localizado. Desse modo, os biólogos, e nós também, somos dignos de concordar que não é possível dizer o número exato de espécies em extinção. Apenas podemos dizer que esse número é muito grande, e uma coisa que podemos fazer ainda na linha de pensamento teórico desse autor e dos biólogos é promover uma generalização:

[...] na pequena minoria de grupos de plantas e animais que são bem conhecidos, a extinção está ocorrendo em ritmo acelerado, muito acima dos níveis anteriores ao advento do ser humano. Em diversos casos, o nível é calamitoso: todo o grupo está ameaçado (WILSON 2012, p.318)

Para ilustrar esse princípio, apresentamos alguns casos dos muitos disponíveis mediante essa situação. O caso mais catastrófico de extinção na história recente talvez seja a destruição das florestas pluviais e tropicais, que já descrevemos na contextualização desta pesquisa, e como procedimento da mesma para manter instável a diversidade da vida, seria conveniente a lei adiar, a ciência avaliar e a intimidade conservar as espécies. Todas essas considerações convergem para a mesma conclusão: os métodos *ex situ* podem salvar algumas espécies do nosso planeta através da preservação dos ecossistemas naturais, dada uma conclusão real de que os habitats estão desaparecendo cada vez mais depressa, e com eles boa parte da diversidade do Mundo. De acordo com Wilson,

[...] a relação área-espécies que rege a biodiversidade mostra que a simples manutenção dos atuais parques e reservas não será suficiente para salvar todas as espécies que neles vivem. Somente 4,3% da superfície terrestre do nosso planeta está atualmente sob proteção legal, dividida entre parques nacionais, estações científicas e outras classes de reservas. Esses fragmentos representam habitats insulares reduzidos cujas faunas e floras continuarão definindo até que um novo equilíbrio, provavelmente mais baixo, seja atingido. Mais de 90% da superfície terrestre restante já foi alterada, incluindo a maioria dos habitats de alta diversidade que ainda restam. Se a perturbação continuar até a maioria das reservas naturais externas serem eliminadas, quase todas as espécies terrestres do mundo serão extintas ou correrão gravíssimos riscos de extinção. E mais: nem mesmo as reservas existentes estão a salvo.[...]”(WILSON, 2012, p. 421-422).

A história de desaparecimento de espécies é marcada também pela destruição de habitats, mas não só por isso, também pela inconsciência sobre a importância da Natureza para os seres vivos que tem a humanidade. Fica aí uma

preocupação, pois ainda há tempo para salvar várias dessas “mortas-vivas”. E, finalmente, outra questão de interesse fundamental na linha do que trata Wilson (2012) é saber quanto da biodiversidade global poderemos salvar conosco, mas na linha deste trabalho será quanto da biodiversidade da comunidade podemos salvar.

Arrisco uma crítica de que se a humanidade continuar a destruição sem políticas públicas que atenda realmente essa necessidade não poderá salvar nenhuma dessas espécies e muito menos nos salvar nos próximos cem anos. Mas, raciocinemos um pouco: o progresso humano, como se vê, não é determinado apenas pela razão, mas pelas emoções características da nossa espécie auxiliadas e moderadas pela razão, pois a humanidade é parte da natureza. Uma espécie evolui ao lado de outras espécies, e é isso que nos torna tão comum entre as características da diversidade da vida.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, tratamos da análise dos dados com enfoque nas questões que nortearam a pesquisa. Buscamos, por meio das respostas dos entrevistados, dialogar com os objetivos propostos e mostrar as diferenças e semelhanças em cada questão e em cada resposta apresentada, intensificando ainda o diálogo com aquilo que alguns estudiosos teoricamente revelaram no decorrer desta pesquisa. Feito isso, fica aqui mais uma prova de que precisamos, com muita urgência, depositar nossas forças cognitivas e objetivas na vertente da sustentabilidade ambiental no contexto principiante da conservação daquilo que ainda resta e que seja natural nos centros urbanos e, principalmente, em comunidades tradicionais culturais.

4.1. Plantas existentes no território kalunga Vão de Almas que servem para construção de casas

A pesquisa revelou que no território kalunga Vão de Almas, as árvores existentes e que ainda são usadas para construção de casas, na sua maioria, são do que ainda resta, conforme os entrevistados J.P.O; J.R.C.S; S.P.S; J.C.F; R.P.C; E.F.C; P.S.R e R.S.R. Antes da especificação das plantas, faço aqui uma observação: no decorrer da entrevista, pude notar que as plantas são praticamente as mesmas citadas pelos entrevistados, podendo diversificar pela capacidade de cada um deles lembrar os nomes delas. Isso está claro nas respostas dadas e transcritas nas entrevistas.

Dois casos específicos que gostaria de destacar aqui é a relação do conhecimento dos jovens adolescentes entrevistados. No caso da jovem menina, esse saber encontra-se meio que misturado, pois ela ainda não tem habilidades para distinguir exatamente as que servem e as que não servem para construção de casas. Já o jovem distingue muito bem isso, só que em uma relevância menor quanto aos demais entrevistados. Vejamos este primeiro exemplo de uma das entrevistas, na primeira questão feita a uma comparação com as outras respostas, e aos registros de algumas destas plantas citadas.

Jé...aruera, sicupira branca e preta, piqui, peroba, perera, cravuro, carne de vaca, vaqueta, jacaré, craíba, ipê preto, ipê roxo, ipê amarelo, laranjera, jatobá da mata, jatobá do campo, mulato, landi, pau preto, cagaita, feijão cru, fruta de priquito, angeica, taboca, Gonçalo, tem mas, mas gente num lembra tudo nu momento mas esses é mas conhecidos (J.R.C.S)

A seguir, registramos algumas fotos dos tipos de árvores mencionadas por JRCS

Foto 17 – Jatobá do Campo



Fonte: Acervo do pesquisador

Foto 18 – Carne de Vaca



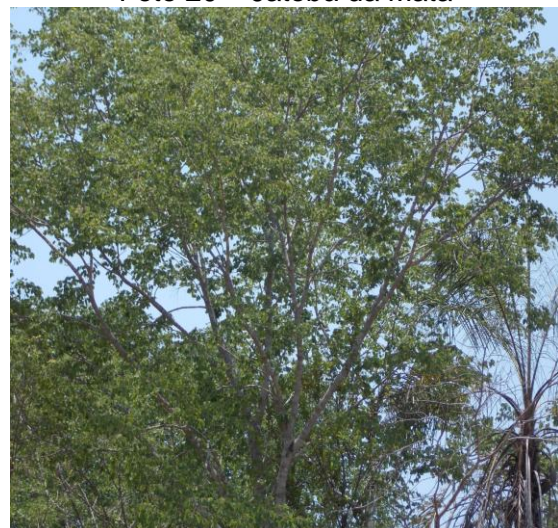
Fonte: Acervo do pesquisador

Foto 19 – Aroeiras



Fonte: Acervo do pesquisador

Foto 20 – Jatobá da Mata



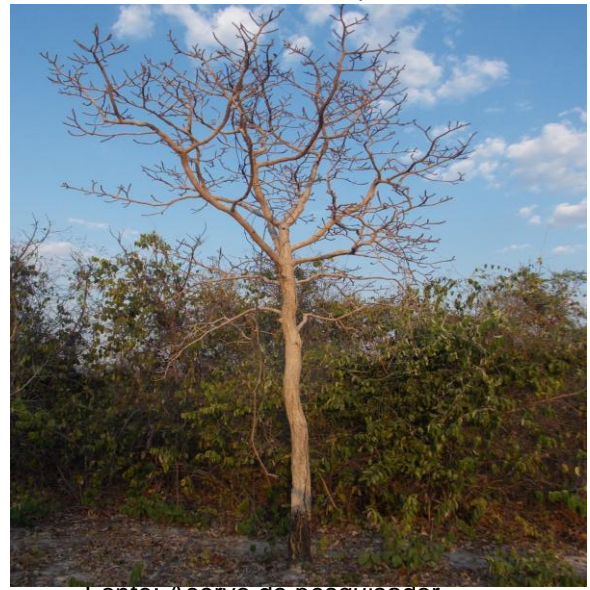
Fonte: Acervo do pesquisador

Foto 21 – Peroba



Fonte: Acervo do pesquisador

Foto 22 - Pereira do campo



Fonte: Acervo do pesquisador

Ainda de acordo com as entrevistas, esses colaboradores mostraram que essas árvores diversificam-se nos seus habitats, podendo ser encontradas nos mais variados lugares da comunidade, como mata ciliar, vereda e/ cerrado. Em alguns casos específicos, como é o caso do jatobá da mata e o pereira do campo, só pode ser encontrado nas matas ou no campo. Vejamos, também, um trecho de resposta dada por um entrevistado e comparada com as demais respostas: “só nas matas, nas magem du rio todinha, só Gonçalo que não, perêra do compo que o nome já fala é du compo, sicupira, carne- de- vaca e cagaitha também são das veredas” (J. C. F.). Isso revelou o conhecimento kalunga fincado aos conceitos da etnobotônica de Araújo (2014) em seus postulados teóricos.

A seguir, registramos algumas espécies de árvores citadas por J.C.F, que também aparecem nas falas de outros entrevistados

Foto 23 – Gonçalo



Fonte: Acervo do pesquisador

Foto 24- Cagaita e Pereira da Mata



Fonte: Acervo do pesquisador

4.2. Plantas mais fáceis e difíceis de serem encontradas

Entre as respostas dos entrevistados, e o que eu como pesquisador pude observar, as plantas fáceis de serem encontradas posso destacar como de primeira categoria a sicupira (sucupira), o Piqui (Pequi), a Carne de Vaca, a Cagaitha (Cagaita), o Jatobá da Mata, o Perera (Pereira) e a Aruera (Aroeira), sendo estas bastante destacadas em todas as respostas dos entrevistados e expostas nos acervos do trabalho. Vejo o que os entrevistados P.S.R e J.R.C.S destacaram: “sicupira, piqui, cravuro, mulato, jatobá. Os mais faice, perera ingiste mais é muito poço, pra fazer caibo esses trem” (P.S.R). “a angeica, fruta di priquito, sicupira, piqui, cravuro, carne di vaca, cagaita, perera, laranja, e mulato (J.R.C.S).

A seguir, registramos foto da árvore nominada mulato

Foto 25 - Mulato ou Garapa



Fonte: acerto do pesquisador

De acordo com os relatos, essas árvores são mais fáceis porque ainda é possível encontrar na comunidade e são as que, de certa forma, tinham em abundância na comunidade, ressaltando a questão da dificuldade de encontrar as outras e que elas também já se encontravam e sua minoria.

Neste trabalho, entende-se por plantas fáceis aquelas que aparecem citadas em todas as entrevistas, de modo que se vê como algo habitual no processo de identificação e uso na construção de casas kalungas. Ressalvamos uma ideia aqui precisa, e que talvez justifique melhor o termo plantas mais comuns, é a de que a educação se tornou algo tão comum de se dizer entre as populações assim como o conhecimento das plantas que veio inter geração na população kalunga do Vão de Almas, e esse conhecimento como se nota está explicitado nas citações e transcrições das falas dos entrevistados. Analise esta resposta e compare com as outras de cada entrevistado.

4.3 plantas mais difíceis de serem encontradas

Em cada caso de cada entrevista, os entrevistados citam várias espécies consideradas por eles mais difíceis de serem encontradas, mas considerando a

dimensão espacial do seu território, o que demonstra também um pouco a extensão territorial, eles destacaram que tirando as que foram citadas mais fáceis, como informou J.P.O. “a mas difícil mesmo aqui difícil acho qué só a braúna” (J.P.O).

A partir de cada ponto de vista, essas plantas talvez tenham uma coisa bastante em comum pelo fato de se tornar escassas na comunidade. Entre outras linhas, um fator extraordinário que levou esse fracasso é o caso das queimadas na comunidade, também revelado em todas as falas dos entrevistados. Veja o que relatou o entrevistado P.S.R. ao responder a questão em relação às queimadas.

P.S.R- o que deve ser feito é tirar menos, e...invitá mas de tá cortano eses verde, preservar mas a natureza praque corta muihtho pau verde, onte do tempo sem precisão ai acaba e preservano, cortar menos ou prantar mais, ai garante mais preservar mais esses ai. tem sim. A queimada tem sim pru que tem muihthos piquenos que morre antes de crescaer e esses que morre num nasce mais num cresce mais tem muihthos que nasce no tempo das águas e na seca tá piqueno e se quimá ai eses morre tudo tamém, preservano num queimano eses acha mais foiça pra crescer dum ano pru outro dois anos ai já a hora que queimá já num morre mais.

As expressões reveladoras que colaborador traz procedem diretamente das questões que emergem e que se preocupam com o conceito da sustentabilidade ambiental tratado neste trabalho, conforme apresentou Wilson (2014) no contexto de base teórica. “J.R.C.S. a angeica, fruta di priquito, sicupira, piqui, cravuerio, carne di vaca, cagaita, perera, laranjera, e mulato”.

De acordo com os descritos, são mais fáceis porque ainda é possível encontrar na comunidade, e são as que, de certa forma, tinham em abundância na comunidade, ressaltando a questão da dificuldade de encontrar as outras e que elas também já se encontravam e sua minoria.

4.4 Propostas de preservação das plantas que servem para construção de casas na comunidade Vão de Almas.

Para Wilson (2012) a diversidade da vida, na extrema minoria de grupos de seres bióticos que são bem conhecidas, a extinção vem ocorrendo em ritmo implacável, muito acima dos níveis anteriores ao advento homem. Em diversas situações, esse deslize é calamitoso: a vida do planeta inteiro está ameaçada a se extinguir. O que quero destacar é que precisamos mais que nunca conservar os

habitats naturais das espécies, evitando queimadas, fazendo reflorestamento com espécies nativas etc. Isso justifica a preocupação dos moradores da comunidade Vão de Almas em relação à atual problemática para construir uma casa kalunga. Veja isso nas palavras da entrevistada P.S.R. logo abaixo.

P.S.R- o que deve ser feito é tirar menos, e...invitá mas de tá cortano eses verde, preservar mas a natureza prueque corta muihtho pau verde, onte do tempo sem precisão ai acaba e preservano, cortar menos ou prantar mais, ai garante mais preservar mais esses ai. tem sim. A queimada tem sim pru que tem muihthos piquenos que morre antes de crescer e esses que morre num nasce mais num cresce mais tem muihthos que nasce no tempo das águas e na seca tá piqueno e se queimá ai esses morre tudo tamém, preservano num queimano eses acha mais foiça pra crescer dum ano pru outro dois anos ai já a hora que queimá já num morre mais.

4.5. A continuidade da tradição de utilização das plantas para construção de casas na comunidade Vão de Almas

De acordo com os entrevistados e com alguns registros fotográficos essa tradição ainda continua entre os mais jovens. Ainda que já existam algumas casas de telhas e Eternit na comunidade, de modo algum isso tem influenciado tanto nessa cultura tradicional. Visto isso, esse registro é uma prova concreta dessa perpetuação do conhecimento e da prática cultural dessa comunidade. Na questão apresentada todos os entrevistados ainda veem essa prática bastante forte na comunidade, pois muitos jovens continuam fazendo suas casas de palhas e madeiras da própria comunidade. Veja estes relatos dos entrevistados

J.P.O. a tradição ainda continua, inclusivi as casas de pau a piqui ainda tem.

J.R.C.S. continua a tradição das casas de madeira de pau-a-pique, ainda tem casa que é jogado barro outra só de inchumento mas a maioria hoje é fechada de adrobe.

S.P.S. a tradição continua, quaje to mundo aqui mora em casa di paia e adob.

J.C.F, continua, o povo aqui num tem cum quê, agora depois que entrou estrada que tem uns mais vei ai que construiu de teia mais é pouco, o resto tudo é de paia, num tem muita gente ai construino casa? Mas é tudo de paia

R.P.S- sim. Continua.[...]

E.F.C- tem uns que u pai insina, tem uns que tenta fazer e.... faz.

P.S.R-- continua ainda dos mais velhos [...].

R.S.R- construi uai, é construino as casas né.

Essa forma de identificação das plantas, nomeação, distinção de habitats, o contato contínuo que esses membros ainda têm com a natureza, de acordo com a Ecolinguística, é a relação entre língua e meio ambiente, definição de Couto (2007). Para tanto, essa relação se fortalece nas práticas de uso das árvores na construção das casas kalunga.

4.6. Plantas de uso na construção de casas kalungas.

Tabela 1: Nomes populares das plantas

Nome popular (Biótipo)
1- Aroeira 2- Angélica 3- Álcool/ Ypê 4- Angelim 5- Burduna-de-velho 6- Braúna
1 Carne de vaca 2 Cagaita 3 Carvoeiro 4 Canela de velho 5 Claraíba 6 Cascudinho 7 Chapada
1-Feijão cru 2-Farinha-seca 3-Fruta-de-periquito 4-Gonçalo
1- Ipê 2- Jatobá 3- Jacarandá 4- Jacaré
1- Landi 2- Laranjeira-preta 3- Mulato ou garapa 4- Peroba 5- Pau-preto 6- Pequi 7- Pereira do campo 8- Pereira

1- Quina-branca 2- Quilaraíba 3- Sicupira-branca 4- Sicupira-preta
1- Tatarema 2- Taboca 3- Vaqueta

Diante disso, buscamos neste capítulo enfatizar melhor o largo conhecimento etnobotânico kalunga e mostrar sua preconização no mundo científico que se encontra no contexto da educação formalizada por regras da classe capitalista. Essas imagens reflexivas dos saberes dos povos tradicionais contribuíram também para os estudos linguísticos e para a compreensão das unidades lexicais que compõem o sistema da ecolinguística, como apontou Couto (2014, p. 163).

Destacamos que o conhecimento das árvores para construção de casas kalungas estão vivos e explícitos nos seus sujeitos, na língua deles, no seu prato de refeição e à medida que expandem seus conhecimentos na flora territorial. Portanto, foi possível perceber que junto a esse saber tradicional dos sujeitos, tem entre eles alguém que, de certa forma, serve como referência para o auxílio nas proposições da realização de uma atividade, neste caso, a construção das casas kalungas na comunidade.

Tais informações serviram de norte e de trilhas para comprovação desta pesquisa e aprofundarmos posteriormente na questão da sustentabilidade ambiental. Sendo assim, encerramos nossas argumentações neste capítulo, deixando estes exemplos de formação social nas comunidades tradicionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revelou que a comunidade kalunga Vão de Almas possui um rico e vasto campo biológico onde o conhecimento etnobotânico dos kalungas se estende conforme a diversidade dos seres bióticos e não bióticos, sobretudo, conforme a pesquisa, o modo pelo qual apresenta a identificação dos nomes e das plantas de uso na construção de casas kalungas.

O estudo nos permitiu alcançar aquilo que esperávamos com os objetivos de acordo com as metas utilizadas para essa resolução. Consideramos que alguns indícios de conservação ambiental na comunidade já aparecem nas linhas teóricas das falas dos membros colaboradores desta pesquisa, o que demonstrou preocupação e revelou também problemas já decorrentes do uso abusivo nestas organizações.

O fato de a pesquisa ter revelado a expansão cultural da comunidade traz para nós a necessidade de aprofundarmos melhor na questão da sustentabilidade ambiental, questão esta que tem ganhado destaque nos debates de desenvolvimento social. Sendo assim, consideramo-la aqui como fator primordial intitulada na base de todo e qualquer projeto de vida a ser construído.

O que de fato fizemos aqui foi um prévio levantamento dessa problemática e por isso essa questão de levar para a prática, meios e modo de conservação ambiental na comunidade é algo a ser repensado, discutido e executado coletivamente e mundialmente. Provocamos uma guerra que pode levar anos de dura e árdua luta, mas que resignificará a construção de um novo modelo de vida e de um país subdesenvolvido.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Gilberto Paulino de. **O Conhecimento Etnobotânico dos Kalunga: Uma Relação Entre Língua e Meio Ambiente.** (Tese doutorado). Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

ARAÚJO, Gilberto Paulino. **Aplicação dos Princípios Ecológicos nos Estudos Linguísticos: uma Abordagem Ecológica da Linguagem.** (Artigo). Brasília, 2015.

CALDART, Roseli Salete. (orgs) **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

COUTO, Hildo Honório do. **Ecolinguística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente.** Brasília: Thesaurus, 2007.

CORREIO BRASILIENSE, 11//2004, p. 18. In: COUTO, Hildo Honório do. **Ecolinguística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente.** Brasília: Thesaurus, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris (org). **Professor pesquisador.** 1ª ed. Parábola editorial, São Paulo, 2008.

CRESWELL, Jon W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** Tradução; Magda Lopes; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva.- 3. ed.- Porto Alegre: Artmed, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa.** 5ª ed. São Paulo. Atos, 2010.

CALDART, Roseli Salete et al (orgs). **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro/ São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

PISTRAK, Moisey Mikhailovich. **Fundamentos da Escola do Trabalho.** Tradução; Daniel Aarão Reis Filho, 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

WILSON, Edward O. **Diversidade da Vida.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

APÊNDICES

Transcrições das entrevistas

Primeira entrevista: entrevistador, qual o seu nome? J.P.O. 34 anos nascido e criado na comunidade. Entrevista realizada no dia 01/03/2015 as 08 horas da noite. Entrevistador. Quais as árvores que tem aqui no Vão de Almas que você conhece que serve para construir casas? J.P.O. vi... tem muito pau aqui. Entrevistador- Fale só a que você conhece. J.P.O. Sicupira, carne de vaca, cagaita, cravueiro, perera, burduna de veio, aruera, jatobá da mata, brauna, jacarandá, sicupira preta, landí, mulato que e o pau que uns chama de garapa, larangerá preta, ipê [...] tem mas, mas u qui to lembrano agora é esses. Entrevistador. Quais são as árvores mais difíceis de encontrar? J.P.O. a mas difícil mesmo aqui difícil acho qué só a braúna. Entrevistador. E as mais fáceis? J.P.O. quaje todas as otras encontra aqui algumas encontram longe em outro local da comunidade mas encontra. Entrevistador. Por que as outras árvores são fáceis de encontrar e a braúna não? J.P.O. praque são plantas mas di cerrado e a braúna é mas difícil praque é de terra de cultura[...] entrevistador- O que quer dizer terra de cultura? J.P.O. mata vigi . entrevistador- quais são as que utilizam para colocar na base das casas, para enfincar no chão das que anotei aqui que voce falou? J.P.O. sicupira banca, arueira cravueiro, jatobá, mulato, jacarandá. Entrevistador- Por que só essas podem ser enfiçadas? J.P.O. praque essas são maderas de muito cerno e as outra num tem o qui o povo trata mas aqui é de oimbro. Entrevistador- onde encontra mais essas árvores aqui, nas matas, no cerrado ou veredas? J.P.O. no cerrado i nas matinhas qui tem. Entrevistador- percebi que essas árvores estão acabando, o que você acha que nós podemos fazer para preservar elas? J.P.O. um... moço é invitar ta botando fogo . Entrevistador- evitar queimadas? J.P.O. é, e invitar ta cortando os mas novos i cortar os mas maduros. Entrevistador- a construção de casas com essas madeiras é uma tradição aqui. Essa tradição ainda continua como antes? Se os jovens seguem... J.P.O. a tradição ainda continua, inclusivi as casas de pau a piqui ainda tem. Entrevistador- muito obrigado. J.P.O. de nada se precisar. Entrevistador- acho que depois volto a encomodar. J.P.O. (risos).

Segunda entrevista- entrevistador, qual o nome do senhor? J.R.C.S. de 42 anos casado pai de 4 filhos, ele nascido e criado na comunidade de pesquisa Vão de Almas. Entrevista realizada no dia 01/03/2015 as 08h e 40 minutos na própria residência. Entrevistador- quais as árvores que tem na comunidade que o senhor conhece e que serve para construção de casas? J.R.C.S. vixi aqui tem muito. Entrevistador- fale as que o senhor conhece. J.R.C.S. é... aruera, sicupira branca e preta, piqui, peroba, perera, cravueiro, carne de vaca, vaqueta, jacaré, craíba, ipê preto, ipê roxo, ipê amarelo, laranjera, jatobá da mata, jatobá do campo, mulato, landi, pau preto, cagaita, feijão cru, fruta de priquito, angeica, taboca, Gonçalo, tem mas, mas gente num lembra tudo nu momento mas esses emas conhecidos. Entrevistador- quais são as mais, bem mais difícil de encontrar? J.R.C.S. peroba, us ipê, jatobá, aruera, feijão cru, landi, vaqueta e a craíba. Entrevistador- e as mais fáceis? J.R.C.S. a angeica, fruta di priquito, sicupira, piqui, cravueiro, carne di vaca, cagaita, perera, laranjera, mulato, taboca e Gonçalo. Entrevistador- por que umas são mais difíceis e outras mais difíceis de encontrar. J.R.C.S. praque encontra mas no cerrado e nas matas na capuera é encontra mas e a maioria usa no ar, na cobertura da casa pur isso tem umas mais faice de encontrar e outras não praque sai mais na campina e o povo queima muito, a peroba e difici praque u povo usa muito e encontra só nas capueras nas matas e as matas ta acabando tudo e ela é ... num da fruiha. Entrevistador- o senhor J.R.C.S diz até hoje não ter conhecimento do fruto da peroba. J.R.C.S. o ipê, a aruera é mais de mata vigem também. O feijão cru, a vaqueta e u landi sempre foi poço, o landi é mas de pé de serra e a vaqueta praque num tem mata vigem, a taboca é mas encontrada nas beras de rios. Entrevistador- quais são as que mais usam para enfincar no chão? J.R.C.S. a aruera, a sicupira, u piqui (seco) o cravueiro, o

Gonçalo, u jatobá, feijão cru. Entrevistador- por que? J.R.C.S. são mais usas pra infincar praque tem cerno e resiste á terra. Entrevistador- qual o lugar que mais encontram essas plantas, na mata, na vereda ou cerrado...? J.R.C.S. é variado umas na mata outras na vareda e outras ni cerrado. Entrevistador- como nós podemos preservar essas plantas, o que pode fazer? J.R.C.S. fazer reflorestamento com mudas que nasci ai, invitar queimadas e ter apoio Du governo federal nas construções de moradias praque a comunidade ta crescendo tem muita família e todos precisa construí casas. Entrevistador- a tradição com essas casas continua, os mais novos ainda fazem as casas com essas madeiras? J.R.C.S. continua a tradição das casas de madeira de pau-a-pique, ainda tem casa que é jogado barro outra só de inchamento mas a maioria hoje é fechada de adobe. Entrevistador- so uma dúvida. O senhor disse que algumas plantas agora é difícil de encontrar porque se usa muito e outras porque quase não tem mesmo? J.R.C.S. é... Entrevistador- muito obrigado, se precisar de novo eu volto. J.R.C.S. (risos) pode vim tamo aqui.

Terceira entrevista entrevistador. Entrevista realizada no dia 07/03/2015 as 06 h da tarde. Qual seu nome e idade? S.P.S. de 25 anos mora com a esposa e três filhos porém ele nascido e criado na comunidade. Entrevistador- fale o nome de todas as árvores que você conhece aqui para construir casas. S.P.S. ah... só essas que oce vê falano ai mesmo, é... sicupira, aruera, mulato, perera, jatobá gonçalo, piqui, cagaita, farinha seca, ipê, angeica, canela de véi, fruiha de priquito, e laranjera, é as que o lembrano agora. Entrevistador, ok. E quais as difíceis de encontrar hoje? S.P.S. a aruera, o jatobá, gonçalo, e canela de véi. Entrevistador- es mais fáceis. S.P.S. uah... as outras é bem mas faice de incontrar. Entrevistador, muito bem. E quais voces mais usam para inficar no chão e levantar a casa? S.P.S. sicupira jatobá, aruera, gonçalo e mulato. Entrevistador- e por que essas vão no chão e as outras não? S.P.S. porque é melhor, elas tem cerno demora madurecer e guenta terra, e as outras praque num precisa esperar madurecer e esas também num guenta a terra. entrevistador, bom e onde encontra essas plantas? S.P.S. incima de serra, bera di rio, nas capueras, na vareda e no cerrado tamém. Entrevistador, concorda que essas plantas estão acabando? S.P.S. uah ta sim pra incontrar um pau maduro de inficar no chão é difíci. Entrevistador, e o que fazer para podermos preservar elas? S. P.S. invitar queima, dismatamento ji usar só as que precisa as maduras e parae di ta cortano as novas. Entrevistador, em, você acha que essa tradição de construir as casas aqui acabou ou continua? S.P.S. a tradição continua, quaje to mundo aqui mora em casa di paia e adob. Entrevistador, bom por enquanto é isso se eu precisar volto novamente. S.P.S ta bom. Entrevistador, valeu.... muito obrigado pela contribuição.

Quarta entrevista: entrevistador. Entrevista realizada no dia 14 de setembro de 2015 na casa do senhor J. C. F. com ele próprio. Entrevistador- qual o nome do senhor completo? Entrevistado, (J. C. F.). Entrevistador- onde o senhor nasceu? Entrevistado (J. C. F.), nasci no dia 12 de julho de 1958, nascido e criado aqui na comunidade. Entrevistador- quais as plantas que existem aqui na comunidade que o senhor conhece que serve para construir as casas do povo dessa comunidade kalunga? [...] ipê, aruêra, perêra, peroba, craraíba, quilaraíba, canela- de- véi, cascudim, jatobá-da-mata, perêra-do-compo, pau-preto, [...] entrevistador- pequi e sicupira não servem? Entrevistado (J. C. F.) piqui é arve de fruta e sicupira é pau para remédio por isso num conta. Entrevistador, certo. Mais os povos aqui usam para fazer casas não usam? Entrevistado, (J. C. F.) usa praquê num tem outro más é proibido. Gonçalo, cagaitha, carne-de-vaca tem tomem, o que eu sei aqui pra casa é só isso aí nu meu cunhicimento, lá no fundão a fora deve ter outros. Entrevistador, ok, explique o que é fundão. Entrevistado- Cê num sabe? Entrevistador- sei rsrsrsrs, mais quero que o senhor explique para eu colocar aqui. Entrevistado (J. C. F.) fundão é lá dentro dos buracos de serra pra lá por isso que chama fundão... daqui lá é longe pra caromba. Entrevistador- entendi. Agora outra pergunta, das plantas que o senhor me falou, quais são as mais fáceis ou difíceis de ser encontradas aqui no Vão de Almas? Entrevistado, (J. C. F) ipê, aruêra,

peroba, perêra, quilaraíba, cagaitha, jatobá, perêra-do-compo tomem [...], a sicupira e u piqui eu tirei fora. Entrevistador- mais elas são mais fáceis ou mais difíceis de encontrar? Entrevistado, (J. C. F.), mais faice , mas eu tirei esas fora. Entrevistador- essas que o senhor citou são mais fáceis por que? Entrevistado, (J. C. F.), praque essas ai só dá no mato, as outras é difíci praque é na vareda, se conservar acha se num conservar num ronja. Entrevistador- vamos então para a próxima pergunta, quais são as mais utilizadas na base para sustentar uma casa, e por que? Entrevistado, (J. C. F.), ah... aruêra, ipê, desas tudo é aruêra, nu mas das otras só se for gonçalo, o cerno dele. Entrevistador- e por que que o senhor acha ou sabe que esses aguenta mais na base das casas? Entrevistado, (J. C. F.), porque guenta o chão, né? Terra num come eles faice [...]. pode presta tenção que tem fuiquia in vida de pai ainda, é igual a peroba, o perêra, feito caibo num tem madeira mior pra ar. Entrevistador- bom, depois o senhor me mostre o pau que ainda é de quando os pais do senhor estava vivo. Entrevistador- isso tem muito tempo? Entrevistado, (J. C. F.) vixi, ainda de quando ES vei morar aqui, nem sei quantos anos tem eu era minino piqueno ainda. Entrevistador- bom voltando a uma outra pergunta, onde o senhor acha que tem mais essas plantas, nas matas, no cerrado ou na vereda? Entrevistado, (J. C. F.), só nas matas, nas magem du rio todinha, só Gonçalo que não, perêra do compo que o nome já fala é du compo, sicupira, carne- de- vaca e cagaitha. Entrevistador- estamos quase terminando, so mais duas questões: o que o senhor acha que nós devemos fazer para preservar essas plantas aqui no território kalunga do Vão de Almas? Entrevistado, (J. C. F.), [...] é num roçar e num queimar, guardar a natureza né? [...] isso ai é uma natureza. Entrevistador- a última questão pra gente encerrar. Essa tradição de utilização das plantas para construção da casas do povo kalunga aqui dessa comunidade o senhor acha que continua ou não entre os mais jovens? Entrevistado, (J. C. F.), continua, o povo aqui num tem cum quê, agora depois que entrou estrada que tem uns mais vei ai que construiu de teia mais é pouco, o resto tudo é de paia, num tem muita gente ai construino casa? Mas é tudo de paia. Entrevistador- muito boa a entrevista com o senhor, obrigado pelas informações, se eu precisar posso voltar e te procurar? Entrevistado, (J. C. F.), podi vim . entrevistador- beleza. Posso tirar uma foto da casa do senhor? Só da casa. Entrevistado, (J. C. F.), tira, pode tirar. Entrevistador- muito obrigado mais uma vez.

Quinta entrevista: entrevista realizada no dia 09 de outubro de 2015 as duas horas e quarenta e cinco minutos com a adolescente R. P. S. Entrevistador- qual é o seu nome completo? Entrevistada, R. P. S.. entrevistador- qual a sua idade? Entrevistada- 13 anos de idade. Entrevistador- mora com quem? Entrevistada- moro com meus pais. Entrevistador- qual é o nome dos seus pais completo? Entrevistada- N. P. C. e J. F. C. entrevistador- você sabe onde nasceu? Entrevistada- sim. Nasci em cavaicont. Entrevistador- bom vamos agora então para outras questões, como eu disse é somente sobre plantas de uso na construção de casas kalungas aqui da comunidade. A primeira pergunta é a seguinte, quais as plantas que existe aqui no Vão de Almas que você conhece que serve para construir casas? Entrevistada- mangaba, cicupira, andu, piqui, farinha-seca, cagaitha, baru, pimenta- de- macaco, puxa-puxa, são-baíba, Gonçalo, aruêra, marinheiro, quina-branca e angilim. Entrevistador- bom, você acha que é so essas ou tem mais? Entrevistada- eu só cunheço essas memo. Entrevistador- ok então vamos para a seguinte. Das plantas que você citou, quais são as mais fáceis ou difíceis de ser encontradas aqui? Entrevistada- u piqui, sicupira, mangaba, carne-de-vaca, farinha-seca, pimenta de macaco, cagaitha, Gonçalo e aruêra, entrevistador- e as outras então são difíceis? Entrevistada- sim. As outras são mais difíci de encontrar. Entrevistador- porque umas plantas são mais fáceis de ser encontradas e outras não? entrevistada- por que é a qui tem mais na comunidade e as otras num tem. Entrevistador- bem, sendo assim então quais são as que mais utiliza para colocar na base de uma casa, para manter a casa de pé? Entrevistada- sicupira, piqui, Gonçalo, farinha-seca, e carne-de-vaca. Entrevistador- beleza, e onde encontra mais essas plantas, na vereda, nas matas pluviais ou o cerrado? Esas são mais na mata pluvial, nu cerrado num tem não, na vareda só tem cupim rrsrsrsrsrsrs.[...] entrevistador- estamos encerrando já, só mais duas

questões. O que você acha que devemos fazer para preservar essas plantas aqui no território kalunga do Vão de Almas? Entrevistada- molhar, rrsrrsrs... não jogar lixo, não poluir a natureza[...] entrevistador- o que mais? Entrevistada- ah num tem mais não Adão. Entrevistador- beleza então, vamos encerrar com uma última questão. Você sabe que o uso dessas plantas na construção de casas kalungas aqui na comunidade é uma tradição, não sabe? Entrevistada- sim. Entrevistador- pois bem, então você acha que essa tradição ainda continua aqui na comunidade, entre os mais jovens? Entrevistada- sim. Continua[...] entrevistador- muito bom ter falado com você, obrigado pelas informações. Se eu precisar de novo posso voltar? Entrevistada- podi. Entrevistador- valeu muito obrigado mais uma vez.

Sexta entrevista: Entrevista realizada no dia 21 de outubro de 2015 as 5 horas da tarde com o jovem E. F. C. de 15 anos de idade. Entrevistador- ééé... qual é o seu nome completo? Entrevistado- E. F. C. . Entrevistador- E. F. C ? entrevistado- umrum. Entrevistador- certo, então você autoriza fazer a entrevista com você e gravar a sua voz pra mim escrever depois né? Entrevistado- um um um, entrevistador- então, muito bem, a nossa primeira pergunta como eu falei pcê é sobre plantas que serve para construir casas, as plantas daqui do Vão de Almas. Então a primeira pergunta é [...] quais são as plantas que tem aqui no território calunga, que você conhece e que você sabe que serve para construir casas? Entrevistado- cicupira, pau-pre... cicupira, pau-preto, carne –de vaca, farinha-seca, cangaitha [...]. entrevistador- ah, só essas que você lembra? Cê não consegue lembrar de mais nenhuma? Entrevistado- só. Entrevistador- Não tem mais tem certeza? Entrevistado- tem mais não num to lembrando. Entrevistador- pensa ai mais um pouquinho [...] entrevistado- num to lembrando mais não. entrevistador- só essas mesmo? Muito bem. A segunda pergunta então. Dessas plantas que você falou, quais são as mais fáceis ou difícil de ser encontradas? Entrevistado- mais faice é sicupira, carne- de- vaca e cangaitha. Entreistador- cagaitha né? Certo, as outras então são mais difíceis? Entrevistado- é. Entrevistador- Por que que você acha que essas que você falou que é mais fácil de encontrar, é... você encontra mais rápido, é... tem mais na comunidade? Entrevistado- tem mais? Entrevistador- é. Entrevistado- cicupira , cangaitha. Entrevistador- é por que que você acha que elas são mais fáceis de encontrar? Entrevistado- é mais faice? Entrevistador- é. Entrevistado- por que é a que tem mais. Entrevistador- por que é a que tem mais? Certo. Entrevistado- é. Entrevistador- e as outras então é por que quase não tem na comunidade? Ta bom então, é... a terceira pergunta então, quarta melhor. Quais são as mais utilizadas na base sustentável da casa, ou seja, pra enfincar no chão pra levantar a casa? Quais dessas, de todas elas que você falou, qual é a que o povo usa mais pra enfincar no chão? Entrevistado- só a sicupira. Entrevistador- só a sicupira? Entrevistado-é. Entrevistador- certo. É... e por que que você acha que só a sicupira que eles usam mais pra enfincar no chão? Entrevistado- por que ela guenta mais e cupim num mexe. Entrevistador- certo, ela aguenta mais e cupim não mexe. E agora, onde você acha que essas plantas que você encontra mais, na mata, na vereda ou no cerrado? Você acha que tem mais essas plantas é na mata, na vereda ou no cerrado? Entrevistado- no cerrado. Entrevistador- no cerrado? Entrevistado- na vereda quase não tem? Entrevistado- um rum, Entrevistador- e nas matas você num acha que lá também tem ou não, essas matas que tem nas beiras do rio tipo capueira? Entrevistado- ai só tem o pau preto. Entrevistador- só tem o pau preto? Então essas plantas que você falou encontra mais no cerrado? Entrevistado- um rum. Entrevistador- ok [...]. olha, do que nós falamos então dá pra perceber que essas plantas estão acabando né? E o que você acha que devemos fazer pra preservar essas plantas aqui no território Kalunga Vão de Almas? Entrevistado- pra esas num acabá? Entrevistador-é, o que você acha que nós devemos fazer pra que elas não acabam? Entrevistado- cuidar, dexa esas crescer, num cortar esas piquena, num pô fogo, num dexa esas queimá.. Entrevistador- num fazer queimadas né? Entrevistado- é. Entrevistador- i... uma última pergunta então só pra nós encerrar nossa entrevista é a seguinte. Você sabe que a construção de casas Kalungas como a sua a minha aqui no território feita de palha adobe

madeira como essas plantas que você falou é utilizada é uma tradição nossa né? Entrevistado- um rum. Entrevistador- diante disso o que que você acha é... você acha que essa tradição de construção das casas com essas plantas continua entre os mais jovens ou ta quase acabando? Entrevistado- já ta quase acabano pru que os qui sabe vai morreno tudo. Entrevistador- anhh? Entrevistado- ta quase acabano? Entrevistador- é se os mais jovens ainda continua fazendo as casas igual os mais velhos, ou se...? entrevistado- não. entrevistador- não? entrevistado- tem uns que u pai insina. Entrevistador- certo. Mais os mais jovens então quase não faz mais casas igual os mais velhos com palha com adobe? Entrevistado- tem uns que tenta fazer e.... faz. Entrevistador- depois para? Entrevistado- faz. Entrevistador- ah sim faz né, muito bem. E você como jovem você pretende fazer a sua casa com palha com madeira é... igual as outras construídas aqui que é de tradição? Entrevistado- ascenou com a cabeça que sim. .entrevistador- pretende né? Muito bem, mais uma vez então, é... só fala o seu nome completo, quantos anos você tem e onde você nasceu se foi aqui na comunidade ou se foi em outro local pra poder ficar registrado aqui pra mim. Entrevistado- meu nome é E.F.C., moro na comunidade Kalunga tem 14 anos, nasci em Cavalcante. Entrevistador- nasceu na cidade de Cavalcante –Go? Entrevistado- assenou que sim com a cabeça. Muito bem então. ? brigado viu, se eu precisar posso voltar de novo para fazer outra entrevista? Entrevistado- pode. Entrevistador- brigado então valeu, vou desligar o gravador viu?

Sétima entrvista: entrevista realizada no dia 23 de outubro de 2015 ao meio dia. Entrevistador- como eu falei pra senhora é sobre plantas que serve para construir casas, árvores. Qual o nome completo da senhora? Entrevistada- P. S. R. .Entrevistador- P. S. R. é...quantos anos a senhora tem? Entrevistada- 53. Entrevistador- 53 anos, nascida aqui na comunidade? Entrevistada- nascida aqui na comunidade e criada aqui. Entrevistadr- certo então vamos para a primeira pergunta. Quais são as plantas que existe aqui no território Kalunga Vão de Almas que a senhora conhece que serve para construir casas? Entrevistada- arueira . é.. peroba, perera , mulato, jatobá, alcu, sicupira, [...] jacarandá, carne- de- vaca cravuro farinha- seca, cagaitha, [...] , piqui, [...]. Entrevistador- só as que a senhora conseguir lembrar. Entrevistada- só essas daí que eu lembrei, já lembrei bem duns dez né? Entrevistador- tá bom então, vamos embora pra outra pergunta. Dessas plantas que a senhora falou quais são as mais fáceis de achar? Entrevistada- sicupira, piqui, cravuro, mulato, jatobá. Os mais faice, perera ingiste mais é muito poço, pra fazer caibo esses trem. Entrevistador- as outras então são difíceis? Entrevistada- cagaitha também é faice, carne- de- vaca pa caibo essa ai tomem acha. Entrevistador- as outras então são mais difíceis?entrevistada- é as outras é mais difíceis de achar, entrevistador- certo, e por que que a senhora acha que essas plantas que a senhora falou é mais fácil de encontrar e as outras são mais difíceis? Entrevistada- por que essas são as mas... tem mais na comunidade, tem essas daí mas as outras tem mais é mas pouco, tem mas é mas difíci de achar essas daí tem mas, cicupira esses pau ai, piqui tem muitho , é mais faice de achar. Entrevistador- é,,, e quais são as mais utilizada na base pra levantar uma casa? Entrevista- sicupira, cravuro, jatobá, [...] e,,, jacarandá esses daí são mais registente. Entrevistador- certo. A senhora falou jatobá, mais tem dois tipos de jatobá. Entrevistada- é jatobá do campo. Entrevistador- do campo ou do mato? Entrevistada- jatobá do mato. Entrevistador- do mato? Entrevistada- é ingossa e tira o cerno pra fazer fuiquia,fazer trava, é mais registente. Entrevistador- e por que que só essas que a senhora falou que pode se utilizadas na base? Entrevistada- porque essas daí são as mas forte, esas são mas registente, registe mas peso, [...] guenta mas. Entrevistador- certo, e onde é mais abundante essas plantas? Onde tem mais no caso, no cerrado, na mata ou na vereda? Entrevistada- no cerrado, o jatobá do mato ronja no mato agora as outras ronja mas na vereda, no cerrado. Entrevistador- então tem no cerrado, tem na vereda e tem na mata também? Entrevistada- tem. Entrevistador- [...] certo. E o que que a senhora acha que pode ser feito pra preservar essas plantas aqui no território Kalunga Vão de Almas, ou o que nós devemos fazer? Entrevistada- o que deve ser feito é tirar menos, e...invitá mas de tá cortano eses verde,

preservar mas a natureza praque corta muitho pau verde, onte do tempo sem precisão ai acaba e preservano, cortar menos ou prantar mais, ai garante mais preservar mais esses ai. Entrevistador- e a senhora acha que a queimada tem alguma influência nisso? Entrevistada- tem sim. A queimada tem sim pru que tem muithos piquenos que morre antes de crescer e esses que morre num nasce mais num cresce mais tem muithos que nasce no tempo das águas e na seca tá piqueno e se quimá ai eses morre tudo tamém, preservano num queimano eses acha mais foiça pra crescer dum ano pru outro dois anos ai já a hora que queimá já num morre mais. Entrevistador- e... a construção dessas casas Kalungas com essas madeiras que tem aqui no território é uma tradição aqui da comunidade né? Entrevistada- unrum, tradição velha. Entrevistador- pois é, e a senhora acha que essa tradição ainda é utilizada pelos mais jovens na construção de casa? Entrevistada- tem mais, é utilizada por que tem muitos jovens ai qui ta fazendo casa só in maderá assim mesmo de taboca e essas maderá ai, sem essas daí num faz a casa. Tem que ter essas ai. Entrevistador- então essa tradição ou a cultura de construção de casas no Kalunga entre os mais jovens ainda continua? Entrevistada- continua ainda dos mais velhos [...]. Entrevistador- bom então era isso fala o nome da senhora completo mais uma vez, e a data de hoje. Entrevistada- P. S. R. 23 de outubro de 2015, entrevistador- ok então muito obrigado, Adão Fernandes da Cunha, Pesquisador. Entrevistada- brigado.

Oitava entrevista: entrevista realizada no dia 25 de outubro de 2015 com um senhor da terceira idade que tem sua raiz quilombola nascido e criado em comunidades rurais mais que há mais ou menos uns cinco anos que vive na cidade de Cavalcante-Go devido alguns problemas de saúde. Entrevistador- eu vou fazer então a primeira pergunta pro senhor né, hoje é 26 de outubro de 2015 entrevistador Adão. É... qual o nome do senhor completo primeiro. Entrevistado- R.S.R. Entrevistador- certo, quantos anos o senhor tem? Entrevistado- 85. Entrevistador- 85 anos? Entrevistado- 85 e seis meses. Entrevistador- certo. i... o senhor nasceu e foi criado aonde? Entrevistado- eu nasci no Kalunga pelo outro lado do Paraná fui criado no Vão do Muleque. Entrevistador- no Vão do Muleque? Entrevistado- é. Entrevistador- e no Vão de Almas o senhor mudou tinha quantos anos? Entrevistado- ah, quantos anos eu num sei não. entrevistador- num lembra mais? Entrevistado- não. entrevistador- certo. Mais o senhor lembra quantos anos tem mais ou menos que o senhor ta morando la? Entrevistado- ah... lembro nada rapaz, lembrava isso tudo mais depois que eu duici num to valendo nada nem pá contá dinheiro. Entrevistador- mas... esses filhos que o senhor tem, são todos nascidos e criados no Vão de Almas. Entrevistado- tudo. Entrevistador- certo. Então vou fazer a primeira pergunta pro senhor, é... como eu disse é sobre as plantas que tem lá as árvores que serve para construir casa. Quais são as plantas que tem no território Kalunga no caso la do Vão de Almas né, que serve para construir casas igual a que o senhor tem a da minha mãe a de L.? entrevistado- bom tem toda qualidade de planta, é que produz na casa? Entrevistador- é isso, que serve para fazer uma casa. Entrevistado- tem a manga né assim? Entrevistador- não senhor, que faz... que serve pra tirar a madeira pra fazer casa. Entrevistado- anh pra tirá a maderá pra fazer casa. Entrevistador- é que serve pra tirar a madeira pra fazer uma casa. Entrevistado- ah moço isso ai tem muitha, tem muithas prantas que seive, tem a sicupira, tem u piqui, tem a aruera, tem o jatobá , tem a carne de vaca i tem o pau preto. Entrevistador anhan. Entrevistado- ai assim qué a precura né? Entrevistador- isso ta certo, o que o senhor ir lembrando pode falar. Entrevistado- tem o jatobá, os dois jatobá qualidade dos dois jatobá todo o dois seive pra casa. Entrevistador- o do campo e o da mata? Entrevistado- é [...] falei o carne de vaca? Entrevistador- falou. Entrevistado- tem o jacaré, é tem a craíba, que num seive pa chão mais seive pro ar. Entrevistador- seive é sirvindo pra fazer a casa depois... entrevistado- tem...o isquici o nome do diacho do pau, [...] ainda tem uma fruquia dele infacada la in casa, fruquia da cumiera. Entrevistador- deixa eu ver se ajudo o senhor lembrar é mulato? Entrevistado- não, aquele du cerrado om tem nu Pé du morro. Entrevistador- ah é... [...], entrevistado- isquici o nome du pau. Entrevistador- cravueiro que o senhor quiria falar. Entrevistado- carvuero rrsr. dessa que gente rapa pa beber quando ta

tussino om? `` craiba`` entrevistado- am ``craiba`` não.`` chapada`` entrevistado- é chapada, tamem pau de mais vantagem pra casa é esses.. Entrevistador- são esses ne? Entrevistado- é. Entrevistador- ok então vou fazer uma outra pergunta agora. Desses que o senhor falou quais são as mais difíceis de ser encontrados ou os mais fáceis? Entrevistado- i é mesmo carne de vaca. Entrevistador- a carne de vaca é a mais difícil? Entrevistado- é mais difici pru que ela se num Fo num buquerão pra modo dá uma linha boa num dá, repoiá. Entrevistador- e por que que o senhor acha que esses outros são mais fáceis de ser encontrados? Entrevistado- pru que qui acha, pru que todos lugá tem eles né? Entrevistador- todos lugares tem eles, tem na mata, tem na vereda, na capuera, tem no cerrado? Entrevistado- tem. Entrevistador- i... quais são as mais utilizada na base pra sustentar uma casa pra infincá nu chão? Entrevistado- infica nu chão mais utilizada pra infincá nu chão é a sicupira. Entrevistador- a sicupira? Entrevistado- é nem o jatobá...nem a, a, u piqui num guenta a sicupira. Entrevistador- certo, e onde essas plantas, nu caso onde tem mais essas plantas, no cerrado, na mata ou na vereda? Entrevistado- na vereda, cerradão. Entrevistador- no cerradão ne, certo, na mata é menos? Entrevistado- é menos, na mata pode ranjar um carne de vaca pode ranjar um pau preto que esses é do mato né pode ranjar um aruera, um jatobá bom de cerno que pode tirar u cerno que hoje tam trabalhando tudo é di propriedade di cerno né? Entrvistador- o pessoal ta usando mais é o cerno ne? E o que o senhor acha que nos podemos fazer ou o que pode ser feito para que essas plantas la no Kalunga Vão de Almas sejam preservadas? Entrevistado- ah moço ai ta difici. Entrevistador- ta difícil? Entrevistado- pru que um tira pum rumo oto tira por oto ne, vai acabam. Entrevistador- ta certo, vou fazer só mais uma pergunta pra nós incerrar a intrevista. O senhor sabe que essa construção de casas kalungas igual a que o senhor tem a que minha mãe tem a que eu tenho la no Vão de Almas é uma tradição antiga ne que vem passando de geração em geração dos pais pros filhos que vei dos avós dos bisavós e até hoje o pessoal ainda continua fazendo. Entrevistado- é. Entrevistador- i... o senhor acha que essa tradição construção de casas ainda continua sendo realizadas la entre os mais novos?entrevistado- rrsrs ai eu num posso correr atraz desse ai. Entrevistador- não, mais do que o senhor sabe, o senhor acha assim que o pessoal la continua fazendo as casas como antigamente de palha madeira e adobe. Enrevistado- construi uai, é construino as casas né. Entrevistador- ou se eles mudaram pra construir todo mundo de telha? Entrevistado- não, não. entrevistador- não ne? Então continua a tradição entre os mais jovens também? Entrevistado- é. Entrevistador- então ta bom pra encerrar a entrevista o senhor só fala o nome do senhor mais uma vez completo. Entrevistado- S.R. entrevistador- R.S.R.? entrevistado- é. Entrevistador- é... hoje é 26 né de outubro de 2015 entrevistador, Adão Fernandes da Cunha. Brigado.

Outros Anexos:

Adobes para construção da casa kalunga



casa já construída



Foto da residência do entrevistado J.R.C.



Residência do pesquisador



residência de moradores da comunidade



Ypê Branco



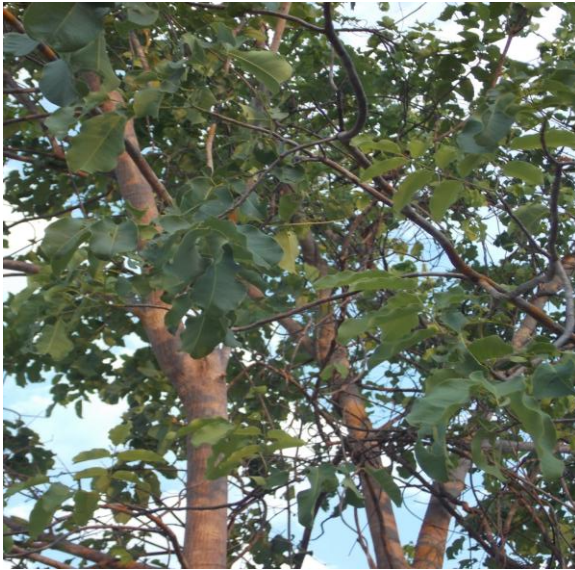
Tatarema



Claraíba



Angelim Branco



Vaqueta

